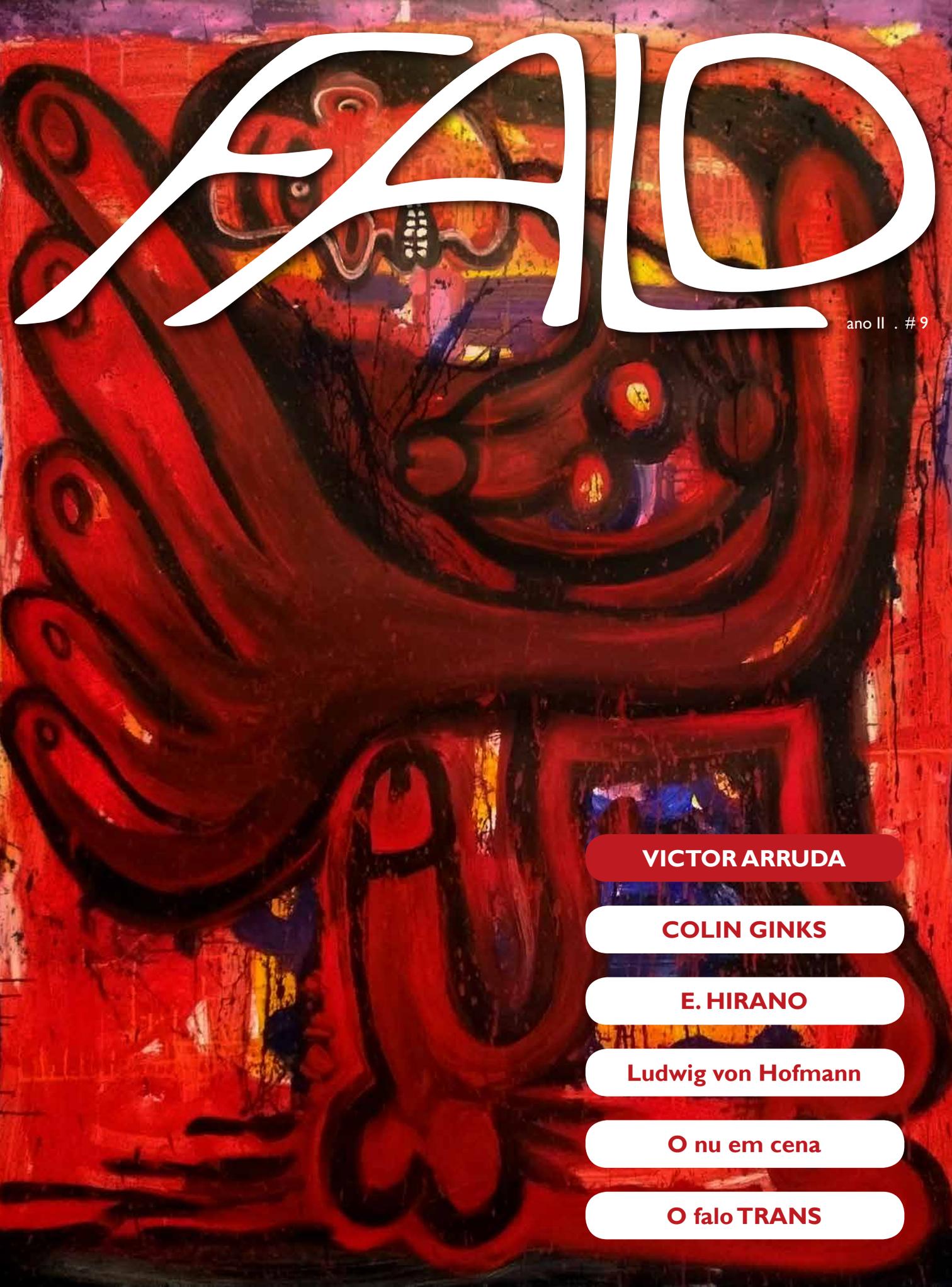


# FALO



ano II . # 9

**VICTOR ARRUDA**

**COLIN GINKS**

**E. HIRANO**

**Ludwig von Hofmann**

**O nu em cena**

**O falo TRANS**

edição, redação e design: Filipe Chagas  
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme  
Correa e Rígle Guimarães.  
site: Pedro Muraki

capa: *Tarsilão*, acrílica sobre tela, de Victor Arruda,  
2001.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta  
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação  
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a  
comunicação ([falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)) para que possamos  
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

### Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a  
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,  
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de  
genitália masculina. Consulte com precaução caso  
sinta-se ofendido.

### Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que  
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.  
Todos os direitos estão reservados e, portanto,  
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de  
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por  
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas  
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos  
criadores com permissão de direitos autorais ou  
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no  
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet  
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,  
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um  
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos  
autorais violados, entre em contato através do e-mail  
[falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com) e procederemos da melhor forma  
possível.

### Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja  
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato  
através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com).

## Editorial

**D**esde o início, minha voz  
foi predominante por aqui,  
mesmo quando abri colunas  
para colaboradores. A minha  
edição sempre dá o tom  
que preciso para manter a direção da  
revista. Porém, chega um momento que  
outras vozes precisam ser ouvidas, outras  
vivências precisam ser conhecidas.

Calma, gente, que não estou abandonando  
o barco, não! Continuo aqui com o chicote  
(me) açoitando para produzir um material de  
qualidade!

Sempre embuído de trazer diversidade para a  
revista, decidi que estava na hora de abordar  
o *falo trans*, ou seja, tentar entender como é  
viver com algo que não te pertence ou querer  
ter algo que não nasceu com você. Mas veja  
como essa frase anterior soou errada. Percebi,  
então, que não seria capaz de escrever sobre o  
assunto da forma ideal e convidei o DUOCU  
(Bruno Novardvorski e Chris, The Red) para  
entrevistar homens trans e mulheres trans que  
pudessem esclarecer o assunto para todos nós.

E que decisão acertada! Claro que se eu  
estudasse o assunto, poderia escrever algo  
jornalístico e didático, mas jamais conseguiria a  
profundidade das reflexões trazidas por quem  
vive o gênero trans. Pra mim, foi uma aula.  
E essa minha decisão me fez agir da mesma  
forma na minha coluna, *Falorrágia*.

Quando descobri que o primeiro nu do teatro  
brasileiro ocorreu há 50 anos atrás, vi que  
tinha uma pauta excelente em mãos. Nesse  
caso, seria até mais fácil escrever, mas eu não  
sou ator, nunca precisei ficar nu na frente de  
uma plateia (bom... isso se não considerarmos  
exame médico de alistamento militar, mas  
deixa isso pra outro momento). Então, lá fui  
eu atrás de pessoas que vivenciaram isso:  
o ator Hugo Bonemer, o ator e psicólogo  
Carlos Arruza, o artista Colin Ginks (que  
também possui trabalhos nessa edição), o  
ator e profissional de modelo vivo Juliano  
Hollivier, o ator e diretor Rafael Guerche e o  
historiador Carlos Miguez. Embora tenha sido  
árduo o trabalho de juntar essas vozes em  
uníssono, o resultado é bem interessante para  
o entendimento do nu cênico.

Essa edição ainda me levou à três honras: ter  
Victor Arruda, Edgar Hirano e Chris Bäcker  
nessas páginas. Victor é um artista brasileiro  
que, nas décadas de 1970 e 80, já questionava  
os padrões de gênero vigentes. Edgar é editor  
da *Noisy Rain Magazine* e foi o primeiro a me  
ajudar com a revista quando ela era ainda um  
embrião. E Chris é um querido amigo alemão,  
que também carrega sua dose de dismorfia,  
mas topou ser o *moNUmento*.

De alguma forma, essa edição funciona como  
uma continuação da anterior. Estereótipos  
e padrões parecem não fazer mais sentido,  
mesmo que ainda sejam mantidos como força  
de opressão e “degeneração”. Precisamos  
refletir... não... precisamos FALAR sobre isso.

Filipe Chagas, editor

Victor Arruda

4

Colin Ginks

20

Edgar Hirano

30

FALO DE HISTÓRIA  
Ludwig von Hofmann

40

FALO EM FOCO

53

FALORRAGIA  
O nu em cena

54

FALATÓRIO

68

FALOCAMPSE  
O falo trans

70

BIBLIOFÁLO  
Manifesto Contrassexual

96

FALO com VOCÊ

98

moNUmento

103

Victor Arruda na ocasião de sua exposição *Caleidoscópio* na ArtRio, 2013. (Foto: Divulgação)

# Victor Arruda

por Filipe Chagas

**V**ictor Arruda (Cuiabá, Brasil, 1947) é um artista plástico brasileiro, professor, desenhista e pintor conhecido por abordar questões sexuais e de gênero em sua obra de feroz crítica contra a hipocrisia e o abuso de poder. Decidiu que iria ser pintor aos doze anos e logo se mudou para o Rio de Janeiro, onde, posteriormente, se formou em Museologia com especialização em Arte Moderna e Contemporânea pela Unirio.



Salário mais justo, acrílica sobre tela (1975).

Ao contrário das vanguardas artísticas da década de 1970, que rejeitavam os meios tradicionais da arte, Victor agiu através da pintura para apresentar imagens irreverentes e obscenas, consideradas por muitos como toscas, uma “antipintura” fora da normatização do gosto. Para o artista, sua arte coloca a sexualidade e a agressividade à serviço da discussão de temas pessoais e também sociais, como, por exemplo, a idolatria ao poder econômico:

*A minha pintura não foi para falar sobre o assédio, mas sobre toda essa coisa nojenta que é o poder do dinheiro, o poder dos ditos normais. O “normal” era o pai de família, de terno e gravata, de vida admirável, que à noite ia ao quarto da empregada para estuprá-la. Isso era uma prova de macheza. Só que não se podia falar sobre isso.*

Em uma entrevista, Victor declarou que, muito no começo, sua pintura estava “ligada a movimentos modernos”, como o Expressionismo. Posteriormente afastou-se deles, em direção a uma liberdade estética heterodoxa. É possível criar relações de sua obra com a Art Brut:

*Eu era um artista contemporâneo antes mesmo de este termo ser usado, porque não me identificava com nada do que se fazia na época. Tudo era moderno e eu não era moderno. Não podia ter texto, não podia ter narrativa, não podia ter frente e fundo, não podia ser autobiográfico, não podia sexo, não podia nada! Sabe o que resolvi fazer? Resolvi usar tudo isso ao mesmo tempo!*



Coisa feia, acrílica sobre tela (1978).



Iconografia escrota, acrílica sobre tela (1985).



Ocinha de carnaval, acrílica sobre tela (1985).

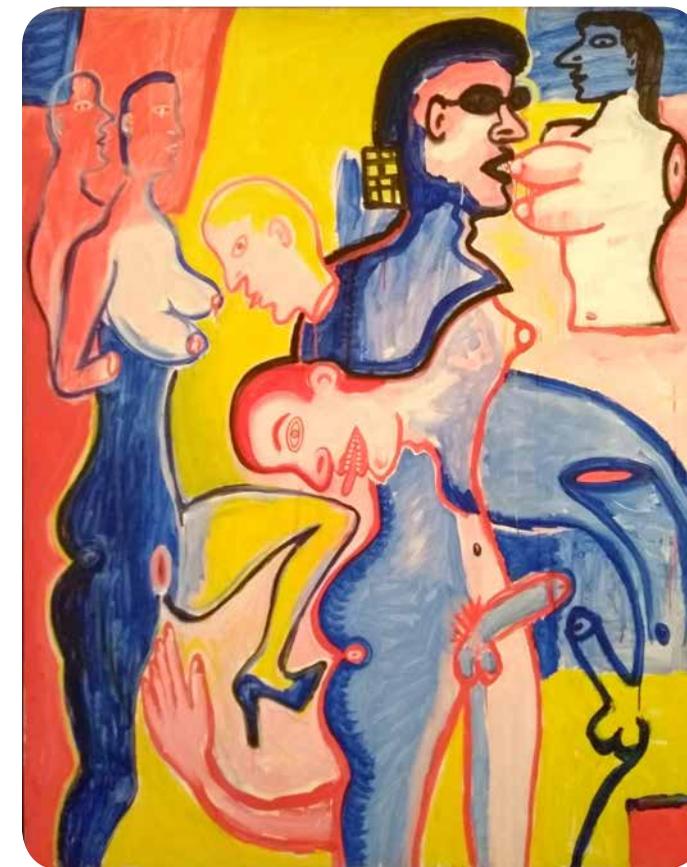
A estética pop dos quadrinhos de Roy Lichtenstein (1923-1997) é uma inspiração notada em suas composições, principalmente no início de sua produção, mas sem qualquer intenção de cópia. Com sarcasmo e brasilidade, criou um léxico imagético único, cheio de objetos e partes da figura humana – principalmente cabeças e olhos, mas também falos – a partir dos desenhos pornográficos de Carlos Zéfiro (1921-1992) e o espírito carioca de Nelson Rodrigues (1912-1980):

*Eu não tinha a menor chance de competir com aquilo que eu admirava tanto. Não ia ser o seguidor de última categoria do Picasso. Sou brasileiro, sou de Cuiabá, Mato Grosso. Não sou seguidor de ninguém.*

No entanto, Victor costumava reverenciar artistas significativos para sua obra, como por exemplo, *A reverência* (Homenagem a Paul Klee), *De novo* (Homenagem a “Les demoiselles d’Avignon”) e *Tarsilão* (imagem de capa), uma releitura da tela *O abaporu*, de Tarsila do Amaral.

A psicanálise tem papel fundamental na obra de Arruda. Victor afirma que pintava de forma a trazer seu inconsciente à tona e criticar conscientemente suas angústias, afirmando sua orientação sexual numa sociedade repressora, hipócrita e violenta. Desde a pré-adolescência sabia que era homossexual (“nenhuma dúvida quanto a isso!”) e sua família culta e amorosa temia os problemas que enfrentaria por isso. Quando os problemas vieram, Victor trabalhou-os através da psicanálise e da arte. Por exemplo, o erotismo foi tratado de forma não-erótica, quase irônica, para evidenciar os tabus e desvendar uma incompletude humana.

*Há sempre um ponto no outro que não se consegue atingir e, conseqüentemente, um vazio que nunca é preenchido. A estratégia para fugir ao desespero é criar uma ilusão: já que não há amor, pelo menos há sexo, prazer momentâneo, contato físico, que aliviam, mas não ultrapassam a solidão.*



A reverência (Homenagem a Paul Klee), acrílica sobre tela (1999-).

De novo (Homenagem a “Les demoiselles d’Avignon”), acrílica sobre tela (1999-).



Todo esse posicionamento pessoal e crítico foi se tornando cada vez mais importante com o passar do tempo. Entendeu que cada pessoa vai se construindo, conforme aprende sobre si própria, sobre os outros e sobre o mundo. A história da arte e a psicanálise influenciam essa construção e interferem em sua obra:

*Uma obra de arte é uma coisa que, paradoxalmente, tem duas almas: a do artista e a do observador. Cada vez que é olhada tem outras duas almas: a alma de antes e a alma do novo momento evidente.*

Outra característica marcante na pintura de Victor é a palavra, que ora aparece como frases minimalistas, ora como narrativa. A semântica torna-se elemento de representação e até mesmo seus títulos são bem pensados. “Quero deixar tudo explícito, facilitar a comunicação com o espectador”, diz.

10



All they need is money, acrílica sobre tela (2009).



11

Pintura amarela com abstração geométrica e cena homoerótica em homenagem a Kavafis, acrílica sobre tela (1992).



Entre a mentira e a verdade, acrílica sobre tela (1992).

Nos anos 1980 sua pintura tomou um novo caminho, de poesia e um certo romantismo, sem lhe negar as raízes combativas. Intensificou sua atuação participando de grandes exposições, como sua primeira individual na Galeria Anna Maria Niemeyer, no Rio de Janeiro (1981), o Salão Nacional de Artes Plásticas (1985), “Transvanguarda\* e Cultura Nacionais”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1986), e a Bienal Latino-Americana de Arte sobre Papel, em Buenos Aires (1986).

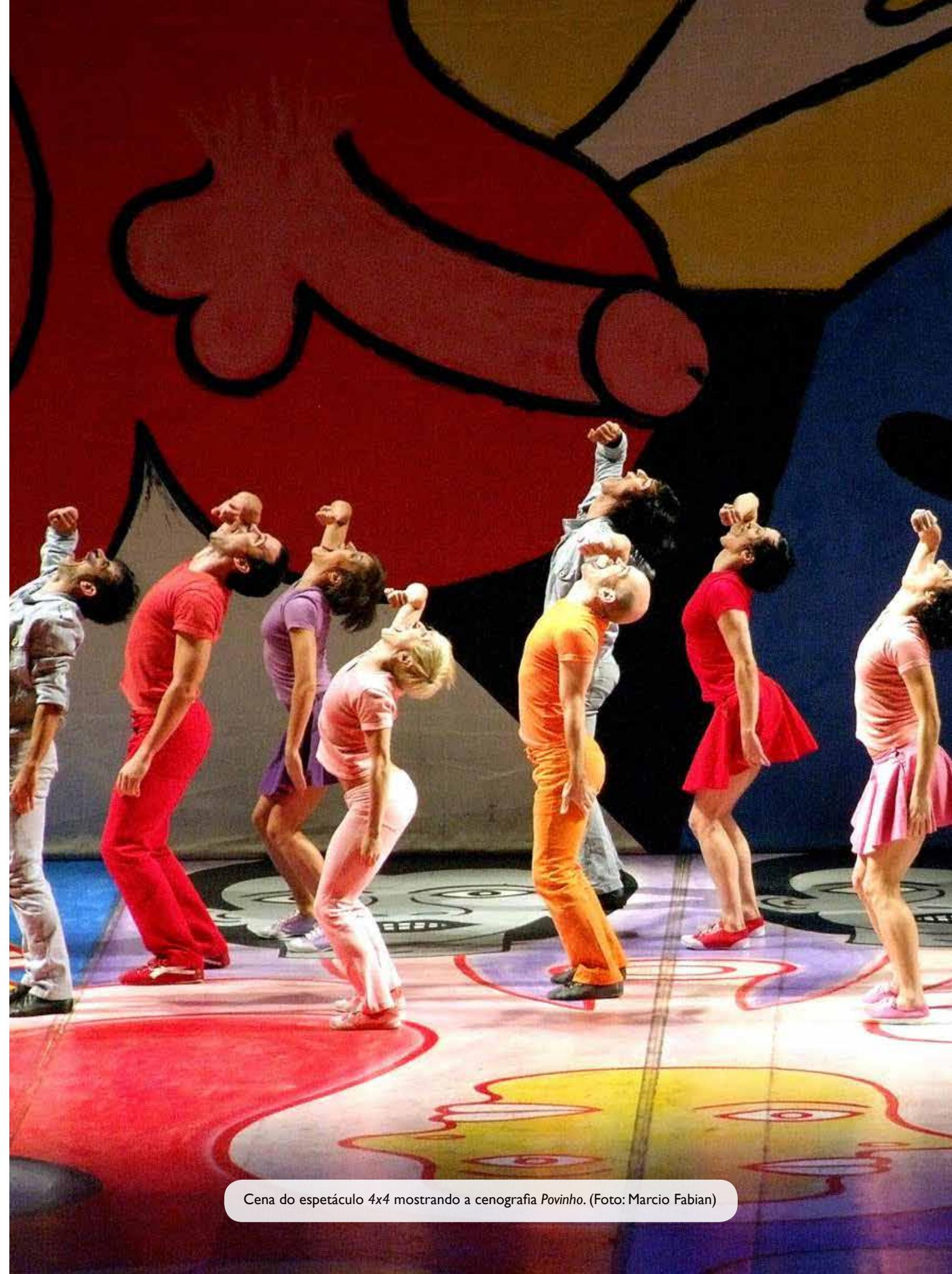
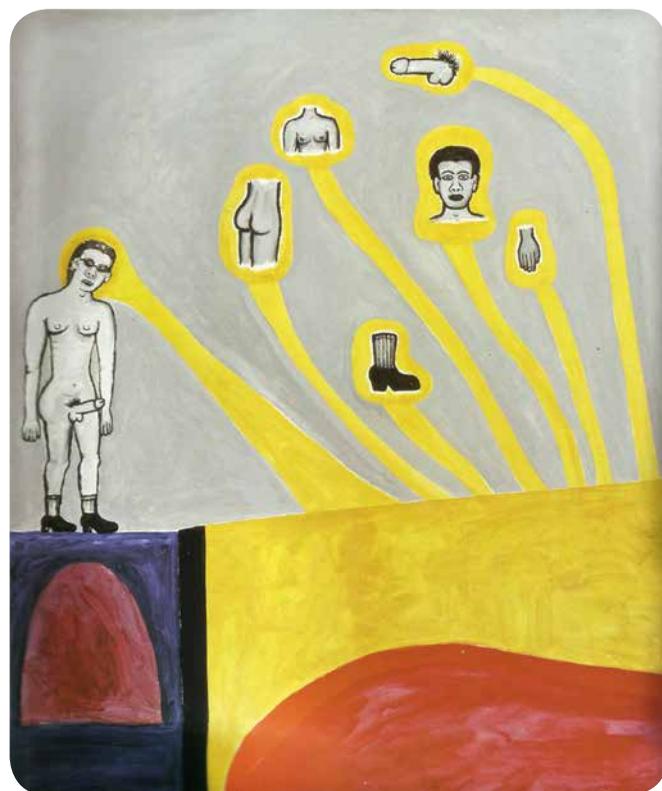
Ter aberto com seu irmão a Galeria Saramenha (1977-1996), no Rio de Janeiro, local de exposição dos mais renomados artistas plásticos nas décadas de 1980 e 1990, também impactou seu trabalho:

*Fui ser galerista para pintar o que eu queria, sem ter que fazer concessão alguma. Trabalhando como marchand, nunca dependi da minha pintura para me sustentar e, de quebra, convivi e debati sobre a arte com as pessoas que produziam o que havia de mais significativo na arte brasileira, num momento em que eles estavam elaborando esse trabalho, isso foi muito enriquecedor.*

Em 2002, foi convidado para fazer o painel cenográfico *Povinho* do espetáculo *4x4* de Deborah Colker, onde conceitos como contenção, delicadeza, limitação, ousadia e transparência foram explorados pelos bailarinos da companhia através da interação com obras de Victor, Cildo Meireles, Chelpe Ferro e Gringo Cardia.

Quase um ex-voto, acrílica sobre tela (2000).

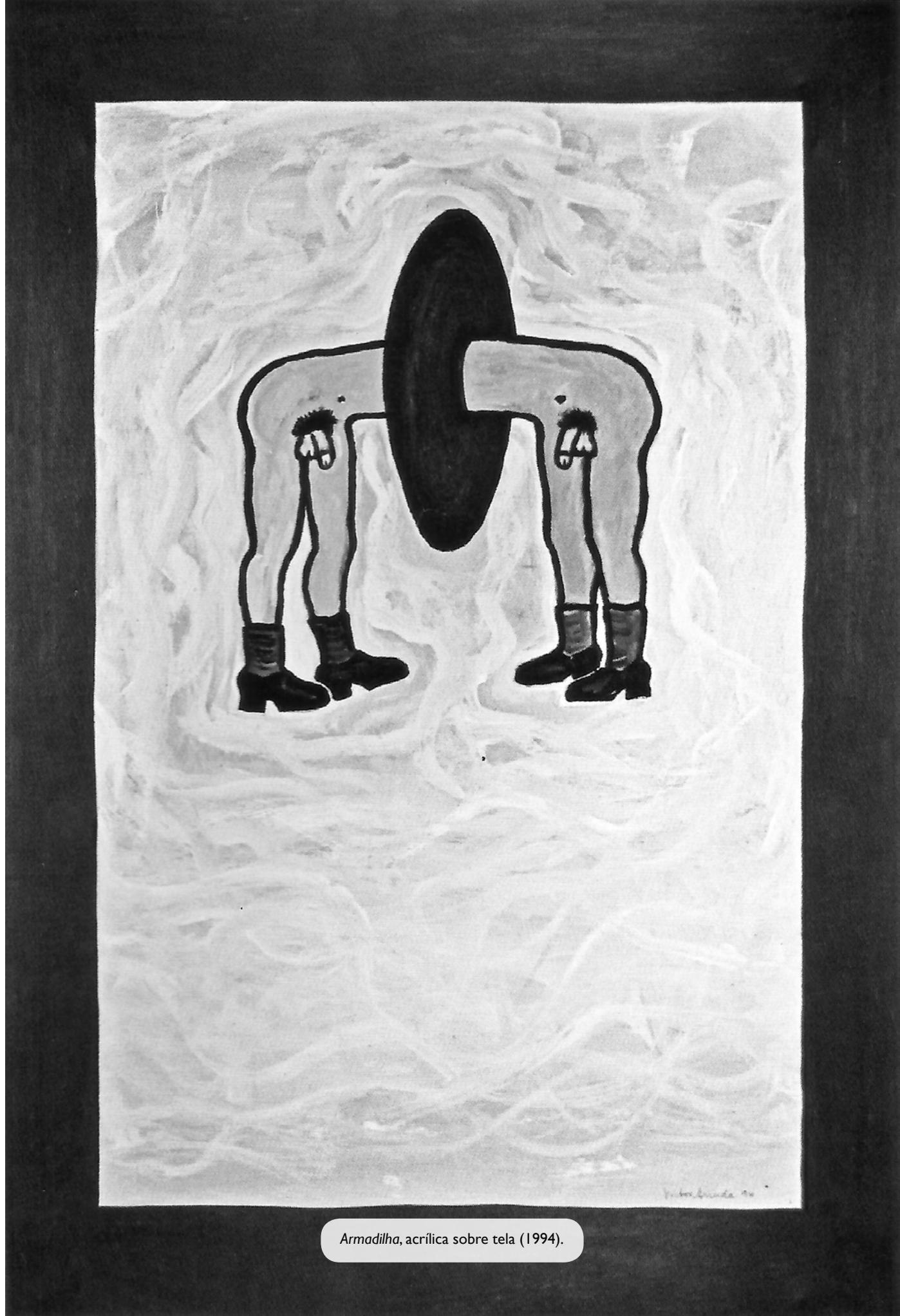
\* *Transvanguarda* foi um termo cunhado por Achille Bonito Oliva para a arte italiana da década de 1980. Ele cita Victor, junto com Antonio Dias e Ivens Machado, em artigo como um dos artistas brasileiros que ecoavam o movimento.



Cena do espetáculo *4x4* mostrando a cenografia *Povinho*. (Foto: Marcio Fabian)



Composição com três figuras sorrindo, acrílica sobre tela (1989).



Armadilha, acrílica sobre tela (1994).



As gêmeas, acrílica sobre papel (200-).



Capa e ilustrações para o livro *Reis de Paus*, poemas de Luiz Carlos Lacerda (década de 1980).

O crítico italiano Achille Bonito Oliva declarou em 1986 considerar “Arruda um dos artistas mais importantes no Brasil”. Com isso, as obras de Victor Arruda entraram em coleções importantes como a de Gilberto Chateaubriand, Luiz Schymura, João Sattamini, Hélio Portocarrero, entre outras. Em 2018, o MAM do Rio inaugurou uma ampla retrospectiva de trajetória do artista, reunindo mais de 100 obras do autor, com curadoria de Adolfo Montejo Navas. **8=D**



Díptico da tarja preta, acrílica sobre tela (2015).

# Cirurgia plástica para você!



*Dr. Alcemar Maia Souto*

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 [alcemarmaiasouto@gmail.com](mailto:alcemarmaiasouto@gmail.com)

# Colin Ginks

por Filipe Chagas

Qualquer atividade relacionada com as artes, seja cinema, leitura, teatro... os afetos, as relações criadas entre as pessoas, e o peso da história na sua evolução, principalmente na comunidade gay... tudo contribui para a criação estética de Colin Ginks. Com isso, sua arte evoluiu de uma base figurativa, do desenho e da pintura, até englobar a fotografia, a performance, a instalação, a palavra escrita, som, vídeo etc... Só mesmo muitas reticências para explicar esse artista multifacetado.

*Homo sweet homo (larilas doce larilas) #antes, autorretrato, bordado da irmã do artista (2018).*





Homo sweet homo  
(larilas doce larilas)  
#depois, autorretrato,  
bordado da irmã do  
artista (2018).

No entanto, Colin explica que essa sua “fragmentação” eclodiu num momento de stress emocional enorme, na sequência do fim de uma relação de longa duração, que também foi responsável por ele se entender como artista.

*Mesmo que sinais de uma “ruptura” estivessem presentes na minha obra anterior, chegar ao fundo do poço, despertou uma intensidade criativa que nunca dantes senti, um desejo de partir a louça toda, mesmo!*

Então, no mesmo ano, fez uma individual que “teve tudo menos pintura” e foi selecionado para uma residência artística na Alemanha. Nascido em Brighton, Inglaterra, vive hoje em Lisboa, Portugal. A recepção convencional e intelectualizada no ambiente artístico português foi outra barreira que precisou ultrapassar.



Holding pattern, performance,  
texto e imagem, (Lisboa, 2019).



The Apologies, performance,  
texto e fotografia (KuBa  
KulturBahnhof, Alemanha, 2018).



Rex still horny, desenho à nanquim, série Dirty Little Drawings (2018).

Sendo autodidata, Colin diz que aprendeu a ler e a ver a Arte, com “os grandes” – especialmente David Hockney –, onde a representação figurativa, e a do corpo (masculino, mas não só), predomina. Porém, seu interesse se expandiu pelo universo queer – com forte influência do artista cubano-americano Félix Gonzáles-Torres (1957-1996), que criava objetos e instalações, onde ecoava de forma poética a perda, a tristeza, a beleza e o desejo – e, assim, descobriu um caminho mais conceitual, menos literal.

*Quem não dedicou uma boa parte da sua infância a tentar desenhar uma cena de sexo?! A querer não trabalhar a partir da imaginação, mas da realidade? Então, parto da memória, individual (minha) ou coletiva. Interessa-me imenso o legado que herdamos dos que vieram antes de nós (para já, tenho a consciência de que falo predominantemente da cultura branca, masculina, anglo-saxônica). Depois a essência da ideia dita qual vai ser o meio escolhido para a sua representação.*

Peek-a-boo (Mickey), desenho à nanquim, série Dirty Little Drawings (2018).



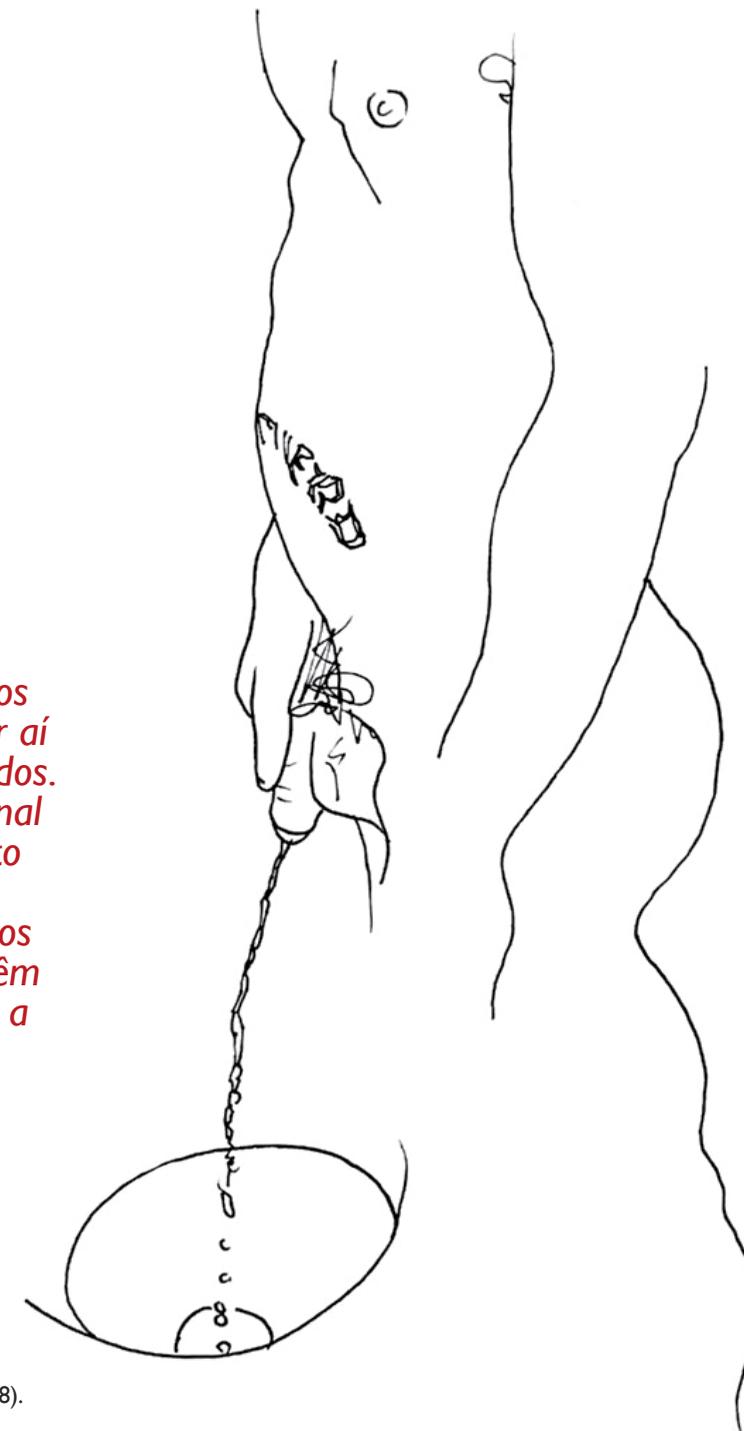
O advogado, desenho à nanquim, série Dirty Little Drawings (2019).

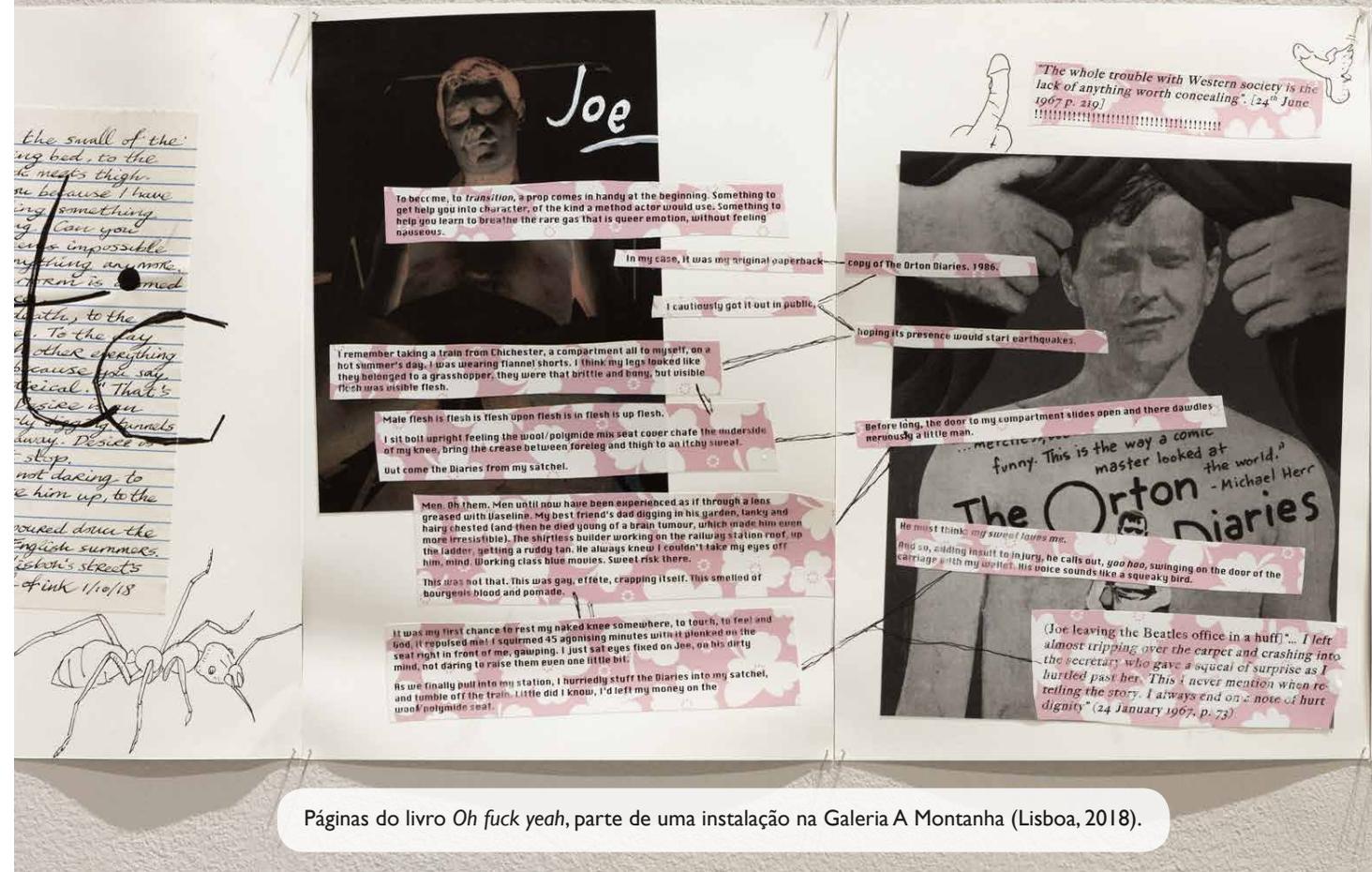


*A meu ver, acho que é isto que os torna mais interessantes, se é por aí mais sexy até. Menos estereotipados. Preciso ter uma empatia emocional com os meus “modelos”. É muito provável que já tenhamos tido momentos de intimidade, digamos assim. Curiosamente, mulheres têm reagido de forma muito positiva a estes trabalhos.*

A tatuagem, desenho à nanquim, série Dirty Little Drawings (2018).

Ao se debruçar sobre sua produção, Colin avalia que pode parecer que, em alguns momentos, tenha negado a relevância da forma masculina. Ele acredita que, na verdade, é uma mudança de perspectiva, da sua noção de masculinidade, até na sua expressão mais potente, e vigorosa. Descobriu outras formas de exprimir sua condição essencial (“não seria artista, se não fosse queer”) e, por essa razão, há sempre um pouco de vulnerabilidade nos homens que retrata.





Páginas do livro *Oh fuck yeah*, parte de uma instalação na Galeria A Montanha (Lisboa, 2018).

A glorificação e a estereotipização de certos corpos em detrimento de outros são tendências perigosas que aborrecem o artista. Não o interessa abordar um indivíduo porque tem o que é considerado ser um “bom corpo”, um visual mais “sarado”, já que está farto da saturação de determinados tipos físicos nas diversas mídias, seja publicidade, cinema pornô ou o Instagram.

Isso também recai para a representação do falo. Colin acha que qualquer artista é obrigado a refletir profundamente se quiser representar uma ereção. Por mais arriscado, subversivo e interessante (“o falo como dispositivo que cria e destrói”), facilmente torna-se porno-kitsch ao ser feito de forma estúpida. Ele crê que existe uma aceitação seletiva do corpo masculino, algo que só aumenta conceitos pré-estabelecidos e repressões.

Condicionado pelo o que chama de “contenção britânica” e suas próprias inseguranças advindas de padrões corporais agressivos, o artista ainda encontra tensões com a própria nudez. Foi através de práticas teatrais e performáticas que despertou a necessidade de se transformar, se conhecer e se identificar. O “autorretrato” *Fogo de artifício* o fez buscar esta revista:

*Acho que é uma representação quase abstrata. Quando a fiz, e as coisas acontecem muitas vezes por acaso, a nitidez, o vermelho sintético da tinta, me fizeram parar e convidava a uma releitura. É praticamente uma declaração da minha condição queer. É um grito de afirmação, passados cinquenta, às vezes, difíceis anos. Não sei se é um retrato lisonjeiro, pode ser que não.*

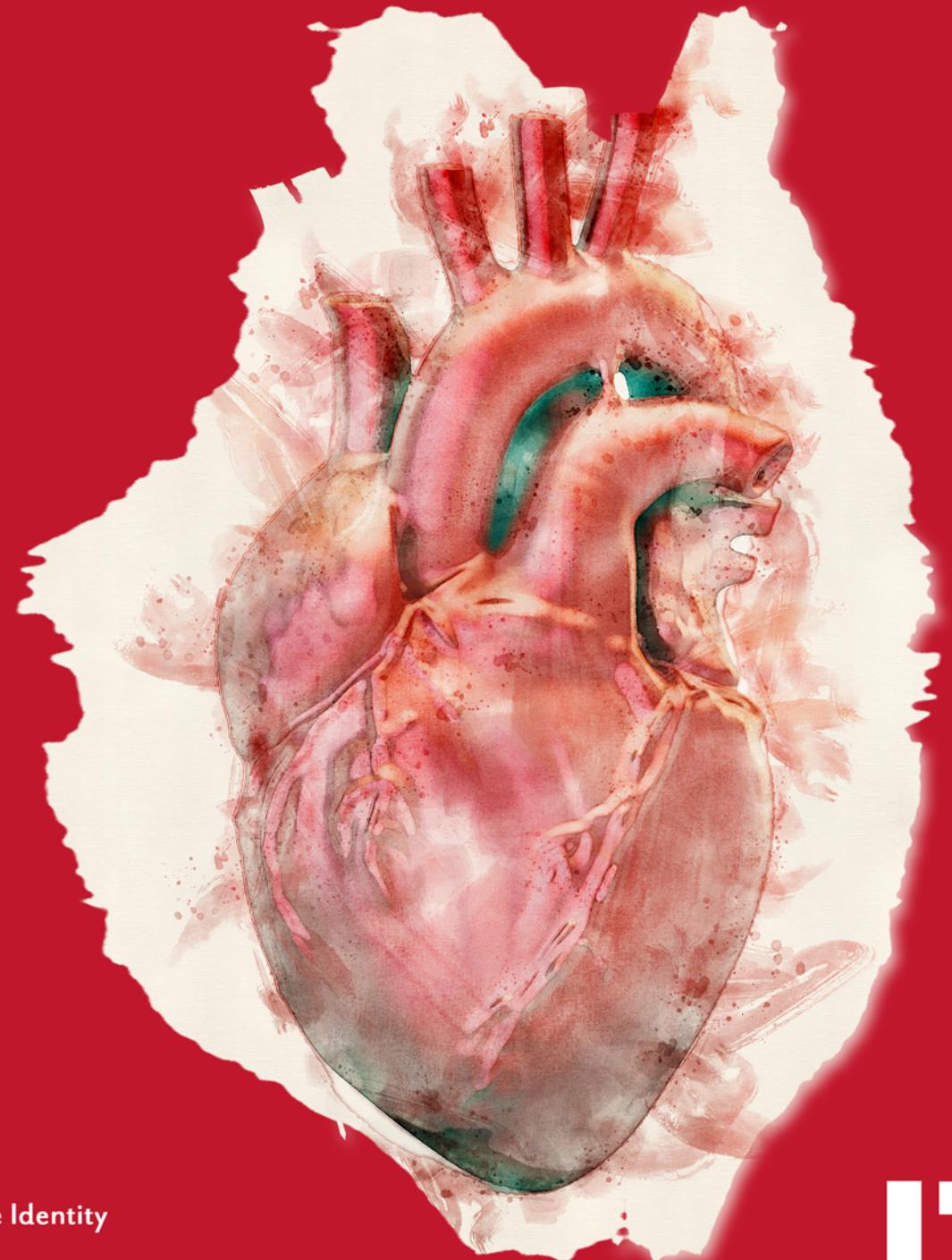
Fogo de artifício, autorretrato fotográfico (2019).



O lado artístico de Colin se interessa somente por situações fora da zona de conforto, fora do lugar comum, fora de seu país (“simplesmente fora!”). Procurar o moderno, o surpreendente, a democratização de corpos, olhares insólitos e diferentes, contrastes, diálogos são os conselhos que segue e que oferta a quem precisa encontrar novas formas de se expressar e se encontrar. **8=D**



- Corporate Identity
- Branding
- Prints & Advertising
- Social Medias
- Web
- Magazines, Books & Digital Publishing
- Video Edition
- Photography



Atenas, capa da summer edition  
da Noisy Rain Magazine (2012).

# E. Hirano

por Filipe Chagas

Quando Edgar Hirano tinha 5 anos, seu pai lhe deu uma velha Polaroid sem filme para brincar, que ele costumava carregar em qualquer lugar que fosse, junto com pedaços de papel e lápis de cor para desenhar as supostas fotos tiradas com a câmera. Nascido no México e criado sob forte influência artística, nunca pensou em si mesmo de outra maneira; é verdade que durante a adolescência quis ser antropólogo ou historiador (“o que não acho tão distante da arte”), mas sempre se encontrou voltando à paixão primária de ser artista.





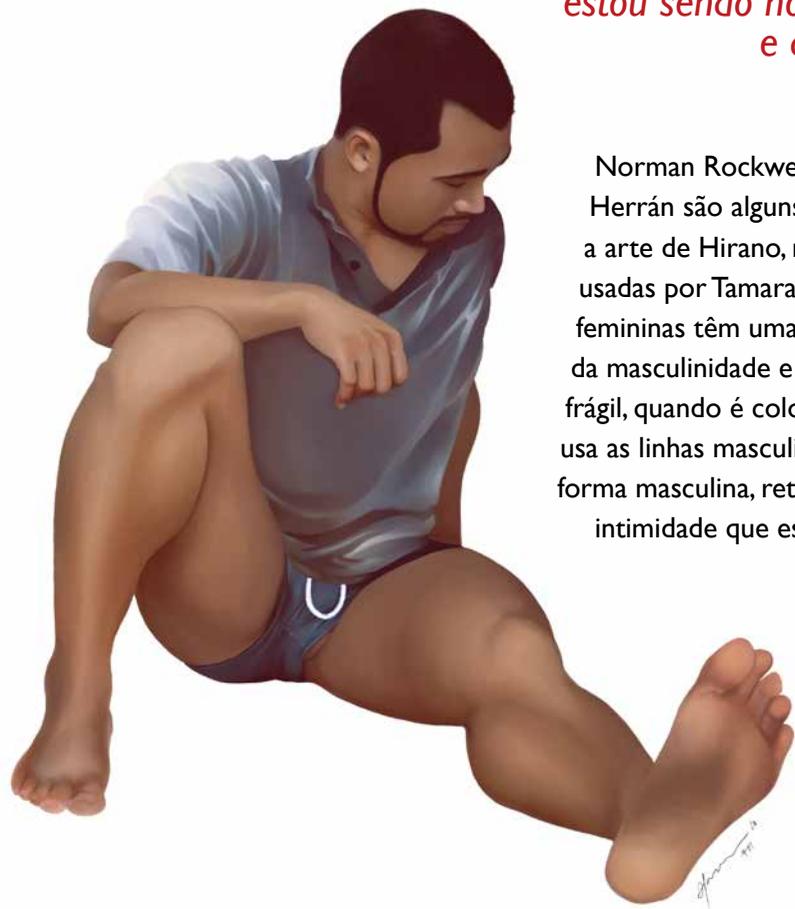
Nascer do sol (2016).

Uma vida cheia de misturas que vão do hiper-tradicional ao liberalismo intelectual ajudou Hirano a moldar seu estilo de vida e a maneira como cria sua arte. Sua herança japonesa o levou quase obrigatoriamente a encontrar um profundo amor e admiração pela beleza e simplicidade da arte do Japão. Ele busca capturar no papel uma ideia, uma cor, uma forma ou um conjunto de coisas que podem vir, quase sempre, dos lugares mais improváveis, fazendo esboços antes do processo final (na maioria das vezes) no computador ou com tinta.

Uma de suas linhas estéticas claras é, sem dúvida, o estilo Art Deco. Hirano chega a nomear seu estilo como “Neu-Deco”, do qual não apenas suas pinturas são influenciadas, mas também a estética de seus filmes e seu design gráfico. Em suas próprias palavras:

*Se eu puder encerrar a complexidade do espírito humano em linhas simples, então estou sendo honesto com o que acredito e com minha arte.*

Norman Rockwell, Ernesto García Cabral e Saturnino Herrán são alguns dos artistas que influenciaram bastante a arte de Hirano, mas as fortes linhas masculinizadas usadas por Tamara de Lempicka para fortalecer suas figuras femininas têm uma luz especial sobre ele. Sempre em defesa da masculinidade e da sexualidade masculina, muitas vezes frágil, quando é colocada além dos limites sociais, Hirano usa as linhas masculinizadas para fortalecer ainda mais a forma masculina, retratando aqueles delicados momentos de intimidade que estão dentro de todo homem.



Luz do sol (2016).



Mova-se por mim. (2010)



平野

Além da imensa beleza que encontra na figura masculina, ele tem uma resposta mais profunda para as razões de ter decidido retratá-la:

*Sempre tento me manter fiel ao que acredito e ao que considero esteticamente belo. Nós, homens, temos uma sexualidade muito sofisticada e tento refutar o discurso social repetitivo que nos mostra como animais sexualmente primitivos. A masculinidade precisa ser recuperada e parar de pensá-la como algo simplista. Muitos artistas que trabalham com a figura masculina tendem a sexualizar seus discursos e eu, ao contrário, pretendo falar sobre a sexualidade como um conceito e não como um mero ato de satisfação.*

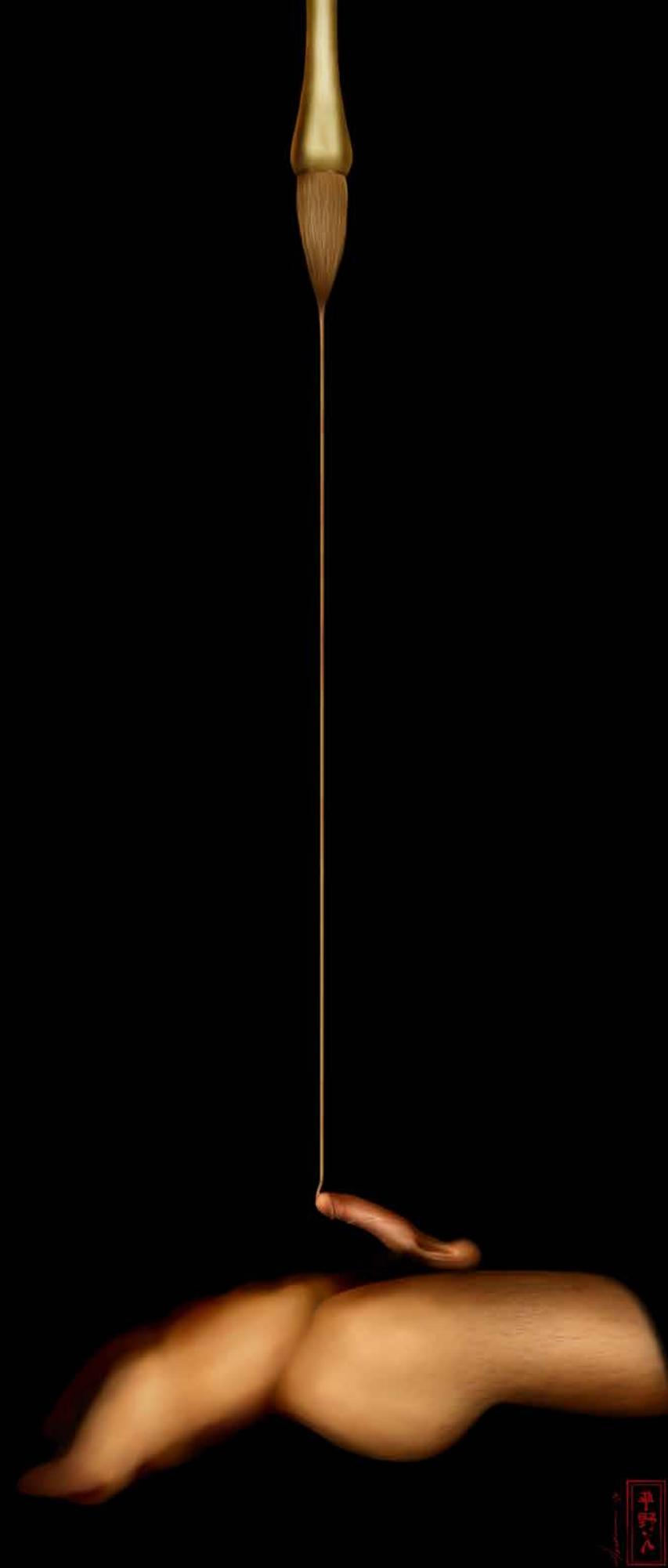
Ele acredita ser um homem muito afortunado por ter crescido em uma família de mente muito aberta que entendeu que a figura masculina é apenas mais um assunto no universo da arte, e provavelmente por causa disso ele sempre se cercou de pessoas com a mesma maneira de pensar. Então, a reação das pessoas nunca foi algo que ele tomou importância, nem elas também mostraram qualquer surpresa.

Mesmo tendo desenhado o próprio pênis quando tinha 10 anos, o falo não é seu foco principal, depende do que ele quer dizer:

*Cada parte do corpo masculino é digna de ser retratada e cada elemento dentro de uma composição deve ser tomado com o mesmo cuidado. Na pintura “O mestre e o escravo”, por exemplo, tem um falo ereto gotejando tinta até a ponta de um pincel. Essa imagem não seria a mesma se o falo não estivesse ereto. Porém, prefiro retratar um pênis flácido ou semi-ereto, pois contém mais drama e tensão em um contexto de leitura simbólica.*

Além do mar: Abismo pessoal (2010).

O mestre e o escravo (2010).



平野ノノ



Doce abraço (2011).



Sem fim (2010).



Vestiário (2016).



Veja o mar, capa da summer edition (2014) e Fria Moscou, capa da winter edition (2018).



Hirano é o criador e editor da Noisy Rain Magazine desde 2011. É um ponto de encontro para artistas de todo o mundo, renomados e emergentes, interessados em destacar a figura masculina na arte. Dentro dessa linha editorial, ele também trabalhou como editor, consultor e designer de publicações de arte, bem como outras publicações de interesse para a comunidade gay no México.

Esse background também lhe deu uma forte opinião sobre como os artistas deveriam lidar com a aceitação de seu trabalho:

*A aceitação é uma grande falácia. Procuramos ser aceitos como se nossa felicidade dependesse disso. Se os grandes mestres da arte tivessem buscado aceitação com seu trabalho, as grandes obras de arte não existiriam hoje. É aquela rebeldia contra a aceitação que torna valioso um discurso artístico. A aceitação está muito próxima da complacência e esse é um jogo perigoso que nenhum artista deve seguir e, em geral, ninguém deveria. Temos que lembrar que a arte está aí para superar seu tempo, seu criador e as ideias sociais de seu momento. Não esqueçamos que a arte não deve ser desvalorizada neste processo de busca por respeito. No final, a figura masculina é simplesmente mais um elemento no vasto universo artístico, como sempre foi. É por isso que não devemos buscar a aceitação da figura masculina como objeto de arte. Os grandes nus masculinos da história foram vistos de um ponto de vista diferente ao longo da história, mas o que nunca foi negado é o seu valor artístico que fez com que essas peças transcendessem seu tempo. Por que queremos buscar a aceitação da figura masculina como um objeto de arte na sociedade atual, se amanhã essa sociedade pode mudar e vir nossa arte atual de uma maneira totalmente diferente? Deixe nossa arte buscar seu próprio caminho na história sem interferência.*

Então, Hirano aconselha nunca parar de aprender, estudar e trabalhar para criar obras de qualidade, a fim de ganhar o respeito e a transcendência que a Arte merece. **8=D**

## Falo de História

por Filipe Chagas

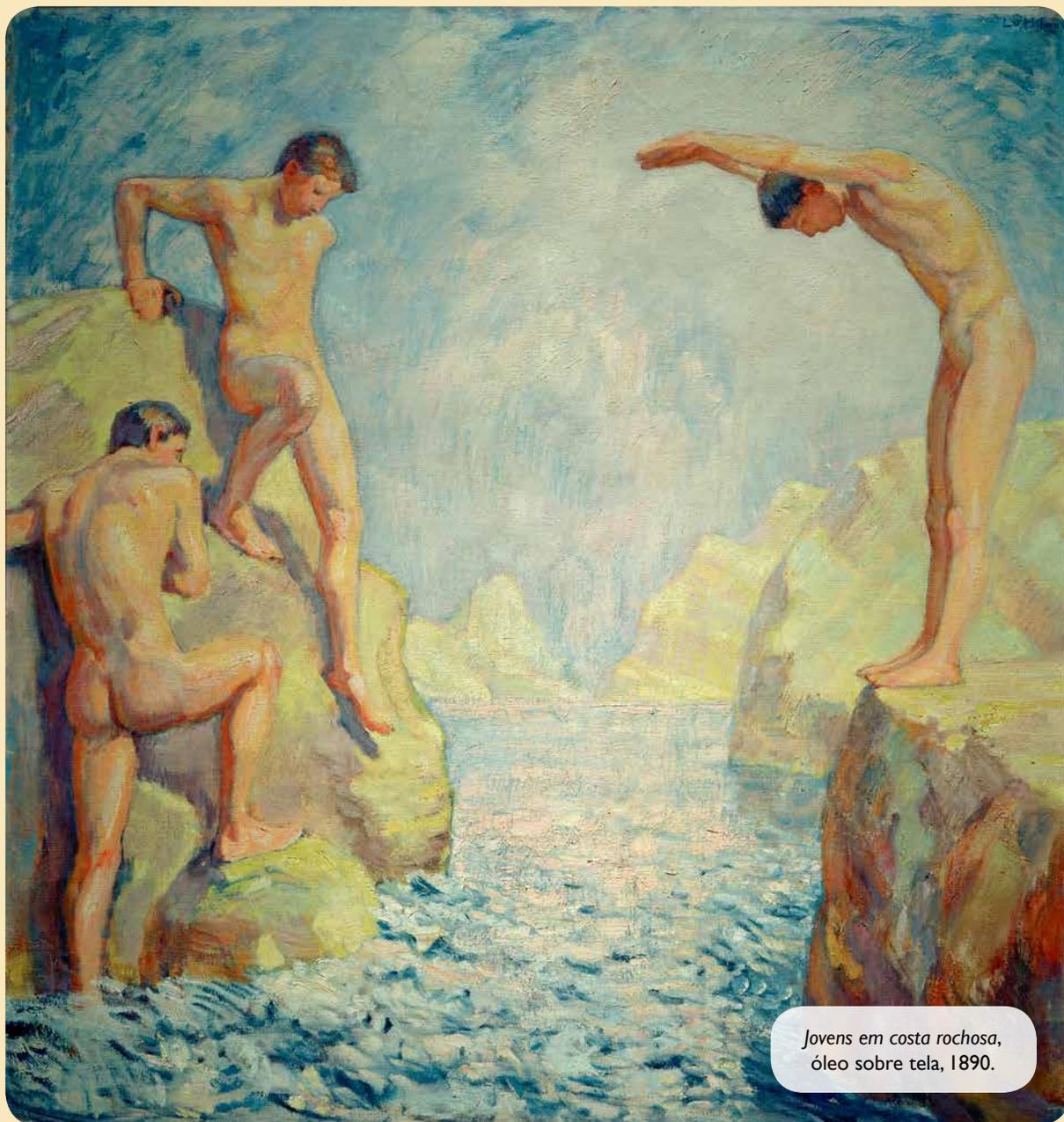


# Ludwig von Hofmann

1861 - 1945

Local de banho, óleo sobre tela (1925).

**L**udwig von Hofmann (1861-1945) foi um pintor alemão que se envolveu com os movimentos modernos e vanguardistas da Europa. Filho de um importante estadista prussiano, começou seus estudos em belas artes em 1883 nas melhores escolas de Dresden e Karlsruhe. Passou o ano de 1889 estudando na Académie Julian de Paris - uma escola preparatória para entrar na *École de Beaux-Arts*, que permitia mulheres estudantes até mesmo nas aulas de modelo vivo - e, em 1890, já era um pintor freelancer em Berlim, fazendo parte do chamado *Grupo dos Elfos*, que uniu simbolistas e impressionistas alemães, como Max Klinger, Max Liebermann, Lovis Corinth e Franz Skarbina.



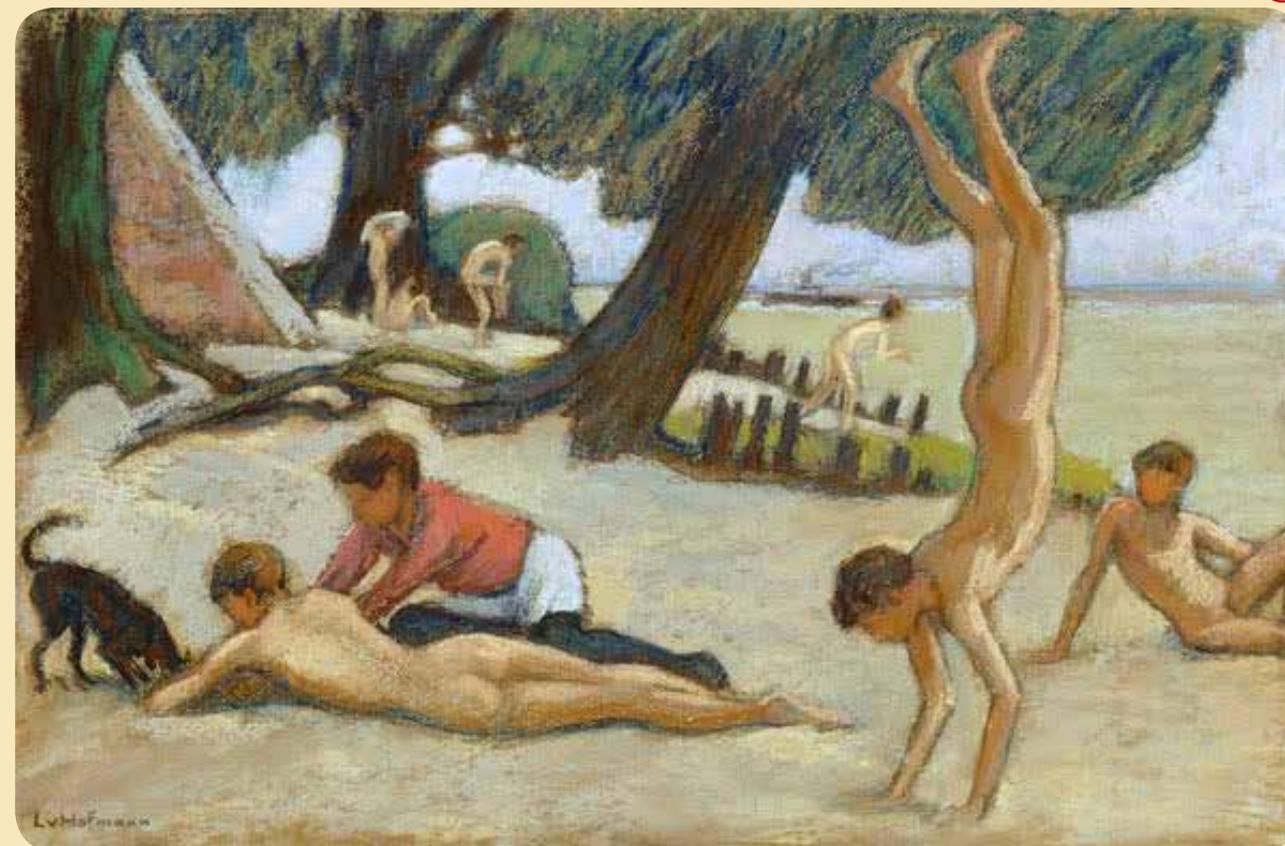
Jovens em costa rochosa, óleo sobre tela, 1890.

De 1894 a 1900, Ludwig viajou pela Europa tendo como base uma vila florentina, onde passou a apreciar a ideia da Arcádia, uma espécie de paraíso da antiguidade grega que repercutiu em toda sua obra através de jovens figuras nuas em paisagens bucólicas. A partir de 1895, colaborou com ilustrações para a revista *Pan*, uma publicação alemã de *art nouveau* e, no ano seguinte, se juntou tanto a Secessão de Berlim (grupo de artistas hoje considerados como pós-impressionistas) quanto a *Deutscher Künstlerbund* (associação de artistas que buscavam se libertar de restrições impostas por autoridades culturais em nome de uma modernidade). No início do século XX, Ludwig se tornou professor em Weimar e Dresden e permaneceu envolvido com diversos grupos artísticos.

Influenciado pelos tons pastéis do pintor francês Pierre Puvis de Chavannes, sua obra combinou as formas naturalistas do *art nouveau* com as narrativas espirituais do Simbolismo para apresentar o homem e a natureza num contexto de harmonia utópica. Apesar de ser considerado monotemático por alguns estudiosos, sintetizou a tradição da pintura idealista alemã com impulsos oriundos da pintura francesa - naquela época radicalmente combatida por alguns - como se fosse uma ponte entre o Romantismo e o Expressionismo alemão, se aproximando dos fauvistas.

Também realizou xilogravuras e litografias para livros que expressavam o espírito jovem, dinâmico e livre que conquistou o Império. Os cidadãos alemães encontraram uma nova autoconfiança incorporada na nudez selvagem.

Meninos na praia, pastel sobre papel cinza, 1895.





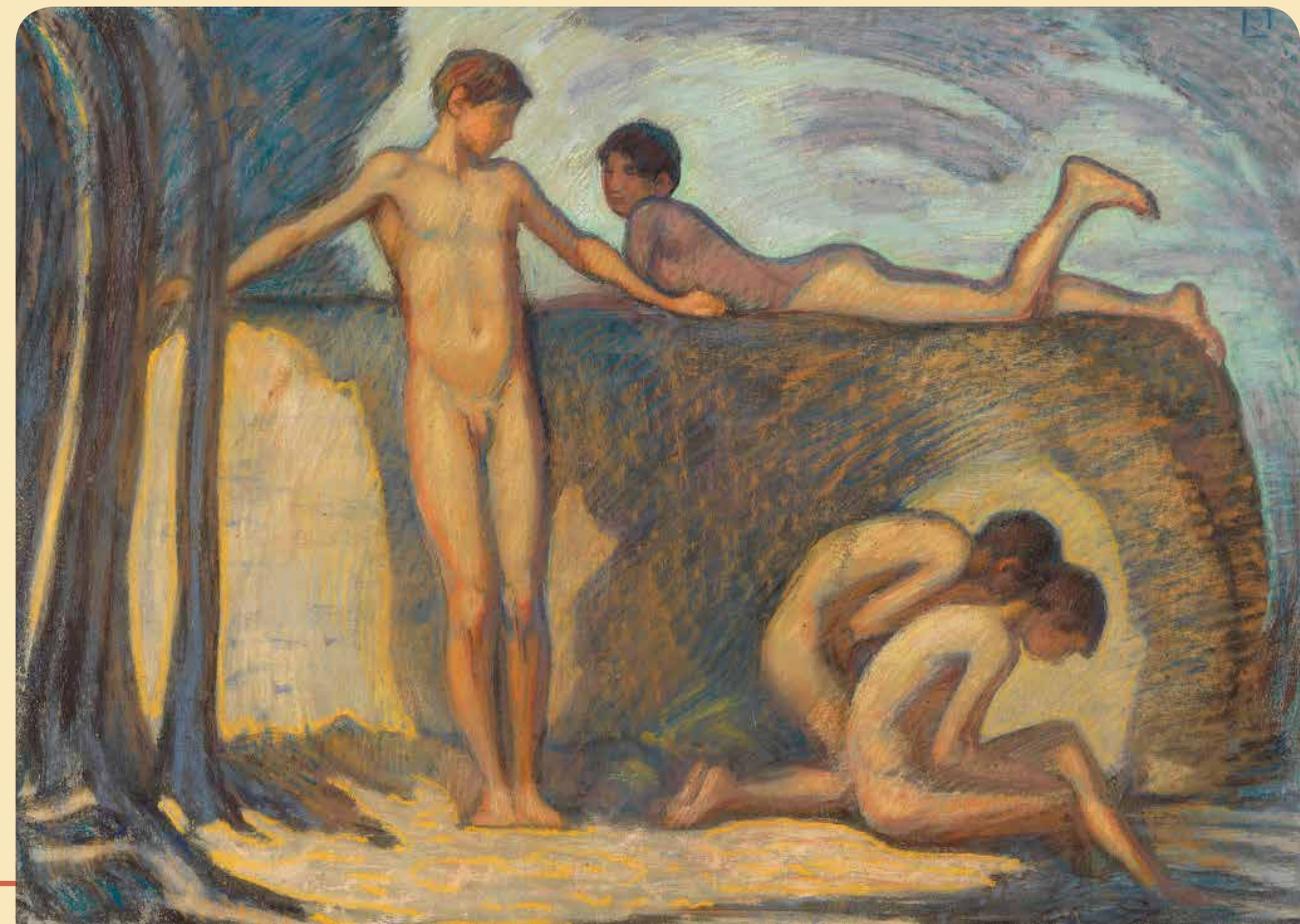
Pescadores e crianças nuas na costa verde, óleo sobre tela, 1900.



Cinco crianças na rocha, óleo sobre tela, 1900.



Jovens banhistas, óleo sobre tela, 1905.



Banhistas, pastel sobre papel, 1912.

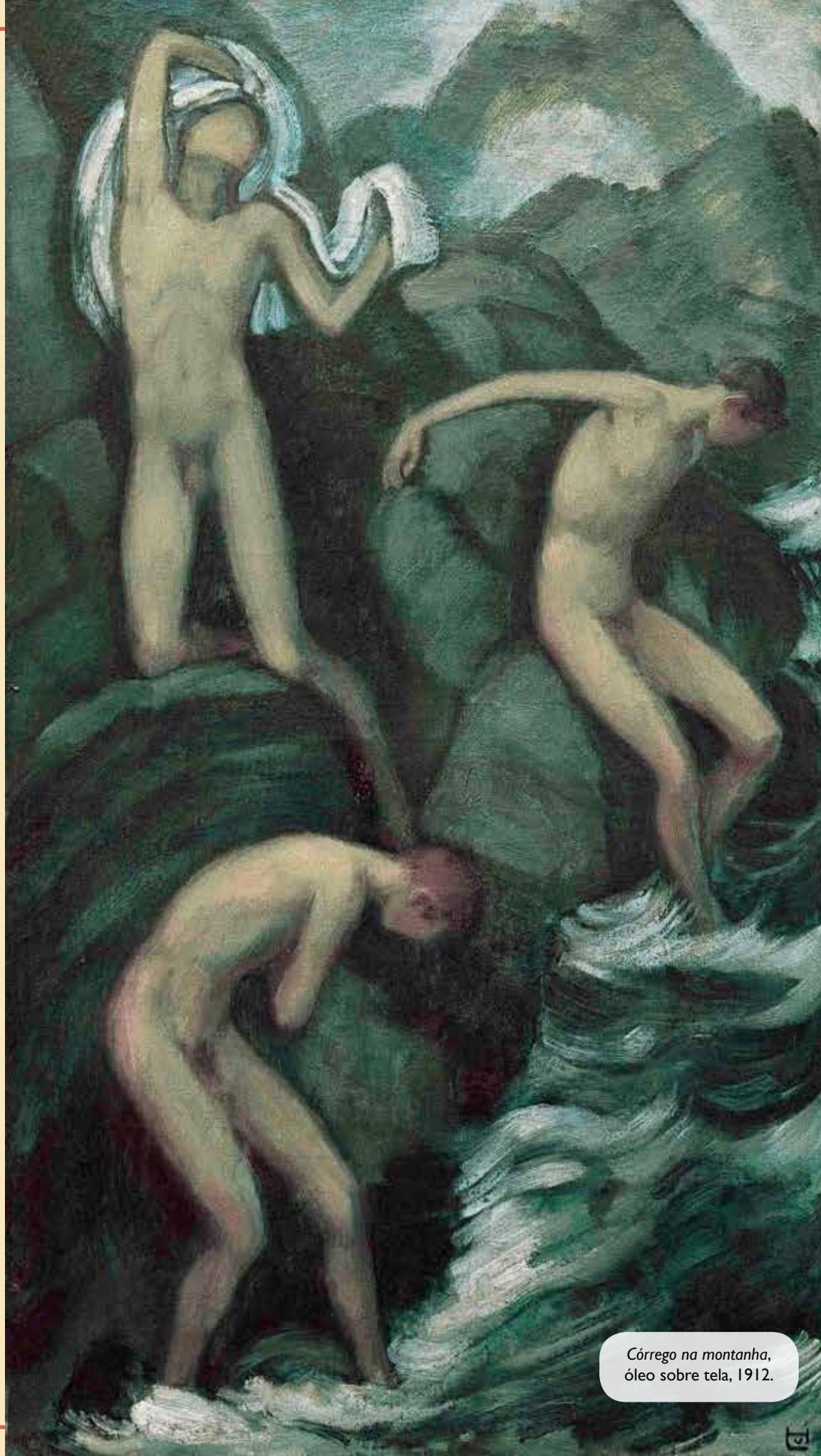


Banhistas, óleo sobre tela, 1908.



Jovens na rocha, óleo sobre tela, 1917.





*Córrego na montanha,*  
óleo sobre tela, 1912.

*Colapso,* óleo sobre tela, 1918.





No entanto, a Primeira Guerra Mundial afetou-o emocional e artisticamente: ampliou sua gama artística com motivos trágicos e com meios estilísticos expressionistas, porém, entre a décadas de 1920 e 1930, permaneceu no ostracismo. Suas “fantasias arcadianas” não pertenciam mais ao mundo de guerra e chegou a dizer:

*Eu me sinto humilde em relação à natureza, não quero violá-la.*

Em 1937, algumas de suas obras foram consideradas “arte degenerada” pelo regime nazista, o que acabou sendo um grande paradoxo já que sua obra antes considerada o auge da juventude alemã foi, em alguns casos, rejeitada por conta da idade das figuras e da nudez masculina. Suas paisagens, então, acabaram ocupando uma posição central em seu trabalho tardio e continuaram sendo exibidas em Berlim sem grande apelo. Após sua morte em 1945, sua viúva e seu sobrinho-neto se encarregaram de localizar seu espólio. **8=D**

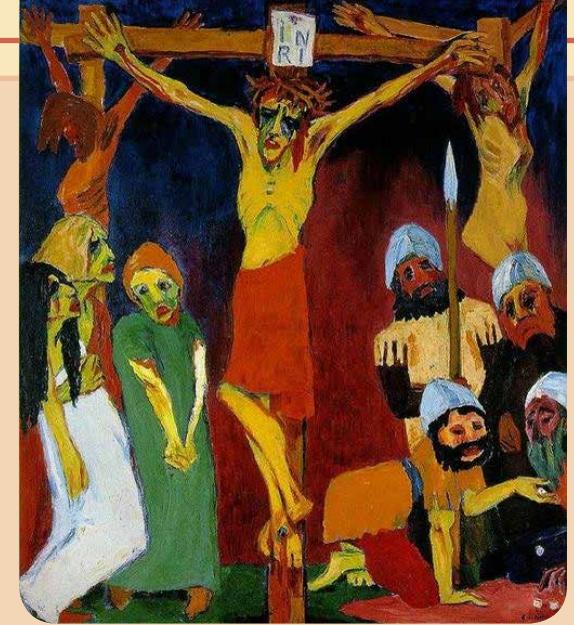


Banhistas na rocha negra, óleo sobre tela, 1930.

## Arte degenerada

foi o termo dado para as vanguardas modernas do início do século 20 durante o governo nazista na Alemanha. Todas as obras de arte que não estavam de acordo com o ideal alemão de arte (*Deutsche Kunst*) receberam esse título trazido da biologia, pois “degeneração” era uma nomenclatura usada para caracterizar seres modificados que não eram mais reconhecidos como parte de uma espécie. Portanto, obras impressionistas, fauvistas, expressionistas, futuristas, cubistas, dadaístas e surrealistas, além – claro – das feitas por artistas judeus, foram retiradas de museus e acervos públicos ou particulares por fugirem do padrão do naturalismo pictórico. Alguns artistas eram ou proibidos de trabalhar ou forçados à emigração – o que, na verdade, era a melhor opção, pois corriam o risco de tortura e morte. Nem mesmo os expressionistas alemães em evidência na época escaparam: Emil Nolde, por exemplo, teve mais de mil trabalhos confiscados.

O ponto de partida para o ataque a influências artísticas definidas como “não alemãs” se deu em 1927, nos ensaios publicados por Alfred Rosenberg. Reunidos sob o título *Der Sumpf* (“O Pântano”), o pensador nacional-socialista acusava a estética vanguardista de representar um desequilíbrio da alma e a alienação resultante da conjugação paradoxal entre o dinheiro do capitalismo e a cultura de massas manobrada pelos comunistas. Em 1930 foi outorgada uma lei contra a cultura negra e, em 1933, começou a política de difamação cultural nazista. Os fatos mais conhecidos são a queima de livros em praça pública (que aconteceu no mesmo ano em Berlim e outras 21 cidades alemãs) e o fechamento da Bauhaus, escola alemã vanguardista de arte e design. Até mesmo alguns estilos musicais e compositores (principalmente judeus) foram considerados degenerados.



Crucificação, de Emil Nolde (1912).

Contudo, podemos voltar até 1907 quando um jovem Adolf Hitler de 18 anos não foi aceito na Academia de Belas Artes de Viena para entender algumas motivações. Ele ainda tentou no ano seguinte, após a morte de sua mãe, mas foi novamente rejeitado por falta de talento. Hitler continuou em Viena vendendo aquarelas amadoras para seu sustento até partir para Munique em 1913 e começar sua carreira militar.



Uma das aquarelas de Hitler (1910).

E foi em Munique, em 1937, que ele ordenou a exposição itinerante chamada “Arte Degenerada” (*Die Ausstellung “Entartete Kunst”*) com 650 obras confiscadas de 32 museus alemães que percorreu várias cidades alemãs, além de escolas e associações políticas.

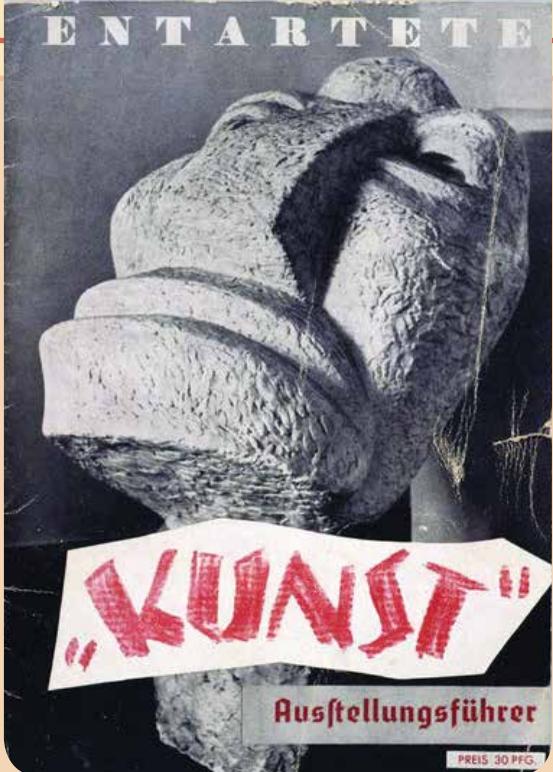
Intencionalmente bagunçada, era uma mostra didática, com salas dedicadas a “Ofensa à Religião”, “Insulto aos Soldados, Mulheres e Lavradores alemães” e “Artistas Judeus”. Adolf Ziegler, presidente da Câmara de Artes Plásticas do Terceiro Reich e organizador da exposição, expôs obras de Van Gogh, Picasso, Segall, Matisse, Kandinsky, Klee, Mondrian, entre outros, ao lado de fotos de pessoas loucas e/ou aleijadas, com slogans ofensivos e péssima iluminação para que despertasse repugnância e inquietação nos visitantes, relacionando-as com algum tipo de deficiência física e mental.

*Se cada coisa a que deram à luz foi resultado de uma experiência interior, então eles são um perigo público e devem ficar sob supervisão médica. Se era pura especulação, então deviam estar numa instituição apropriada para o engano e a fraude. — Hitler*

Esta apresentação de uma arte “doente”, “decadente”, “absurda” serviu para legitimar os ideais políticos e raciais e as apreensões à obras de arte aumentaram exponencialmente. De acordo com o relatório final, em 1939, foram queimadas mais de mil pinturas e três mil ilustrações, enquanto outras trezentas pinturas e esculturas e três mil ilustrações foram vendidas no exterior.

No entanto, o retorno foi diferente do esperado: mais de dois milhões de pessoas visitaram a exposição de “arte degenerada” por causa do marketing, enquanto a exposição de arte nazista (*Große Deutsche Kunstausstellung*), montada na mesma época, teve 420 mil espectadores. Talvez porque Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda Nazista, era fã do Expressionismo alemão...

Nem é preciso dizer que as consequências foram irreparáveis. Ou, então, que qualquer semelhança com os dias atuais não é mera coincidência. **8=D**



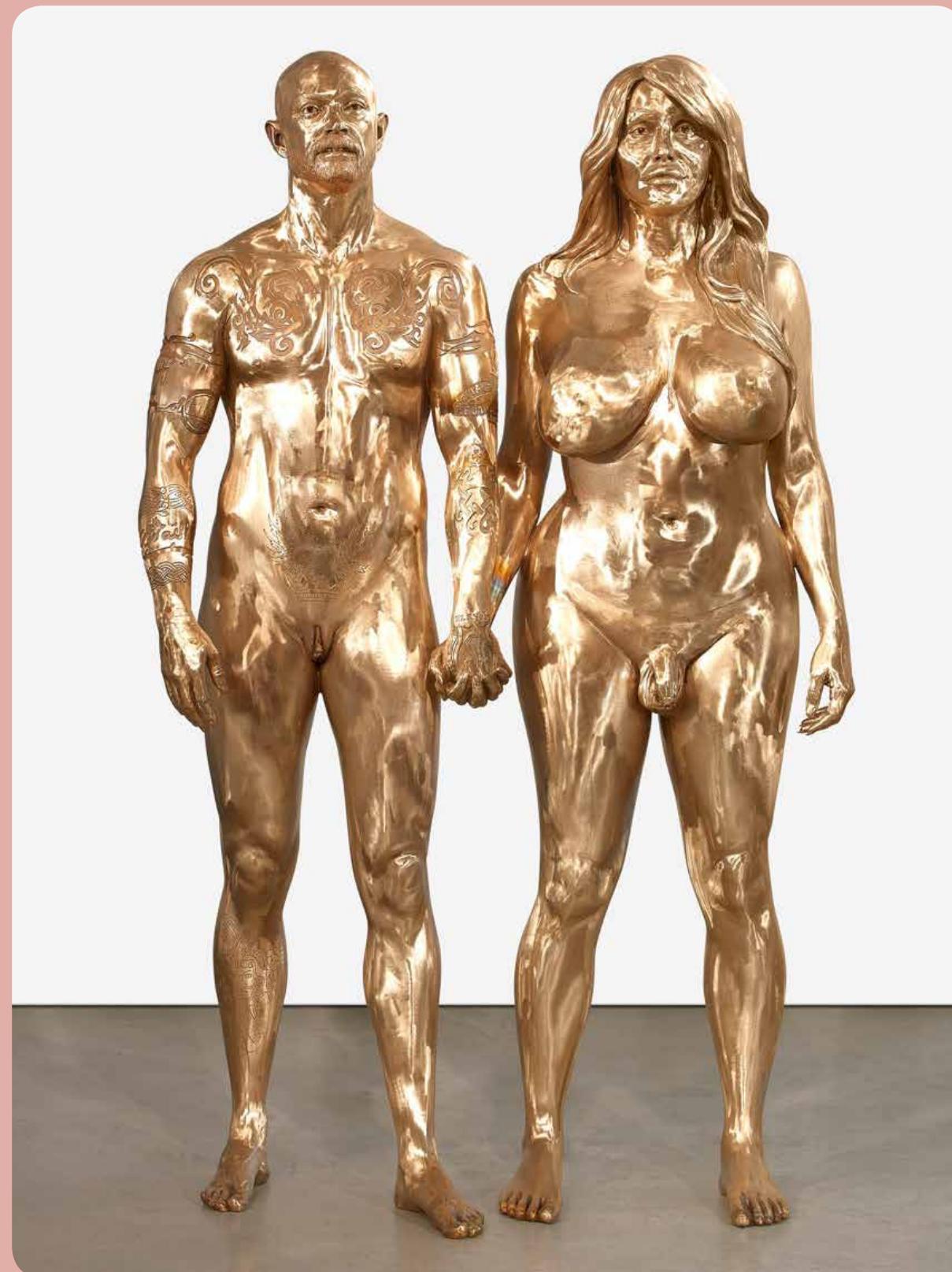
Na capa do catálogo da exposição, a escultura *O novo homem*, do judeu Otto Freundlich (que viria a morrer num campo de extermínio). A escultura se perdeu, provavelmente destruída.



Registro da inauguração da exposição.



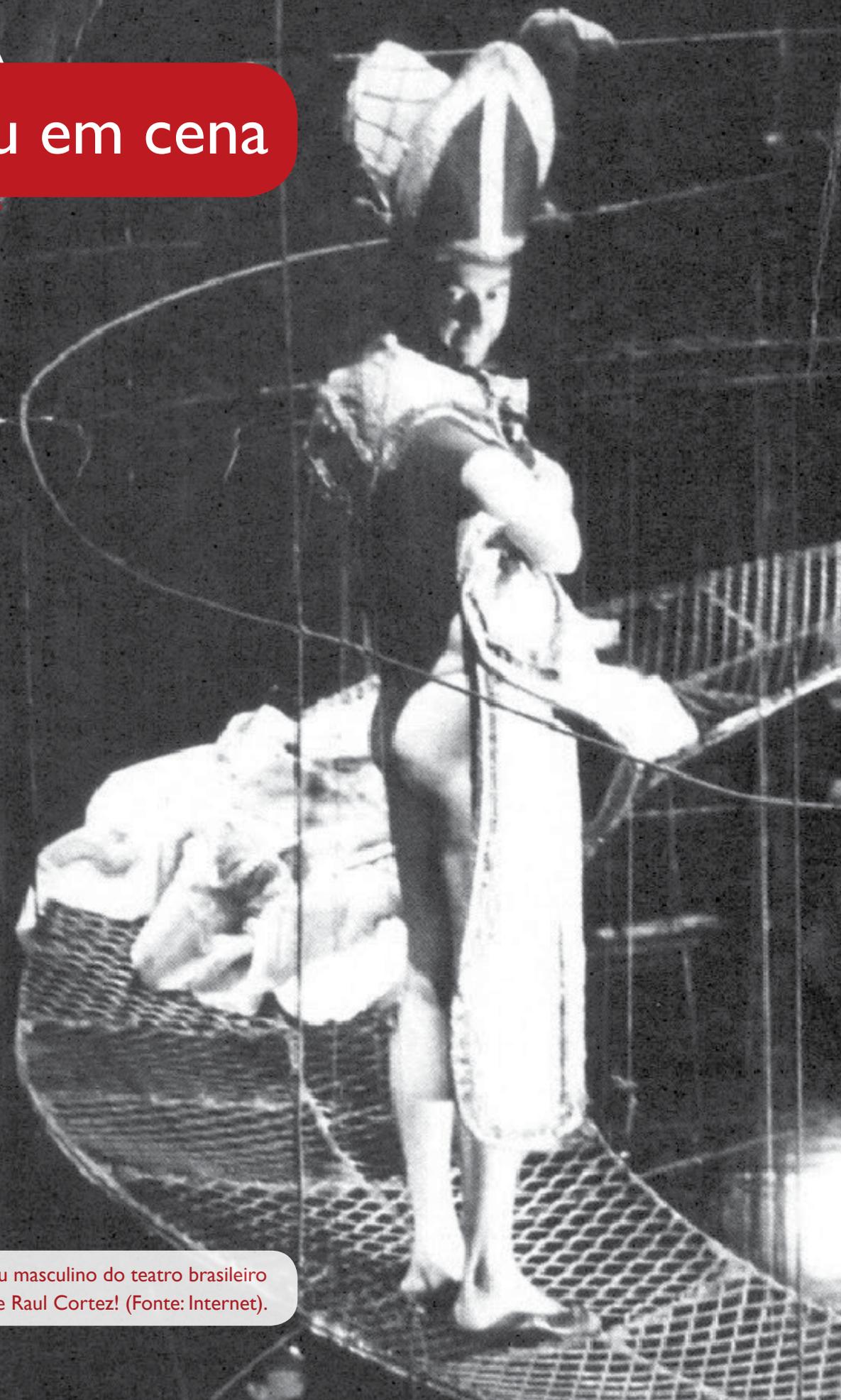
Goebbels visitando a exposição.



*Buck & Allannah (Adão e Eva do século 21)*, escultura em bronze de Marc Quinn, 2009.

# O nu em cena

por Filipe Chagas



O primeiro nu masculino do teatro brasileiro foi a bunda de Raul Cortez! (Fonte: Internet).

# 1969

não foi apenas o ano que o homem pisou na Lua ou quando aconteceu Stonewall e Woodstock. Há 50 anos atrás a nudez aparecia no teatro brasileiro pela primeira vez: Ítala Nandi foi a primeira nudez feminina na peça *Na Selva das Cidades* (texto de Berthold Brecht em montagem do Teatro Oficina), Raul Cortez (1932-2006) foi o primeiro homem nu na montagem de *O Balcão* (texto de Jean Genet) e a produção brasileira de *Hair* (homônima ao musical off-Broadway de 1967) apresentou 20 segundos de nudez coletiva, com Antonio Pitanga, Antonio Fagundes, Aracy Balabanian, Ney Latorraca e Sonia Braga, entre outros.

O período era bem conturbado: em dezembro de 1968 a Ditadura Militar havia estabelecido o Ato Institucional 5 (AI-5), que resultou não só no fechamento do Congresso Nacional mas também na censura da imprensa e de qualquer obra musical, audiovisual ou teatral por motivos aleatórios. Esse cenário tornou toda manifestação artística um ato político de resistência. O movimento da Contracultura eclodiu no país para questionar os valores estabelecidos nas mais diferentes esferas culturais e inaugurou uma crítica comportamental que teve como referência o Teatro Oficina Uzya Uzona (ou simplesmente Teatro Oficina, fundado por Amir Haddad, José Celso Martinez Corrêa – Zé Celso, atual diretor – e Carlos Queiroz Telles, em 1958, em São Paulo). Já em 1967, a montagem da companhia para *O Rei da Vela* – texto escrito em 1933 por Oswald Andrade (1890-1954) – trazia um enorme falo cenográfico e figurinos que ressaltavam compulsões sexuais. A nudez foi incorporada à identidade do grupo teatral como um recurso cênico de concepção política e ideológica, próximo às propostas do Manifesto Antropofágico, também escrito por Oswald, em 1928.



Ítala Nandi, à esquerda, momentos antes da cena do estupro onde ficava nua. Fonte: Internet.



Cena do nu na montagem brasileira de *Hair* (1969). Fonte: Internet.

## MANIFESTO ANTROPOFÁGICO [parte]

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

*Tupi, or not tupi that is the question.* [...]

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande. [...]

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. [...]

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade. [...]

A alegria é a prova dos nove.

A luta entre o que se chamaria Incrariado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento.

A baixa antropofagia aglomerada nos

pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos. [...]

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem substituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

**OSWALD DE ANDRADE**  
Em Piratininga  
Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.  
(Revista de Antropofagia, Ano I, N° 1, maio de 1928)

Diferente da televisão ou do cinema, onde o espectador está separado da nudez por uma proteção tecnológica, longe de qualquer contato físico\*, o teatro é capaz de colocar a plateia frente a frente com a nudez para que todas as ações dos personagens sejam vivenciadas. O Teatro Oficina definiu que a exposição de corpos nus em cena devia se distanciar da mera contemplação estética ou do simples erotismo. O uso do corpo no teatro necessitava efetivar uma perspectiva mais simbólica que literal em busca de uma energia diferenciada, um impacto, um repensar e reconstruir.

\* O filme da peça *Hair* foi lançado em 1979 – há 40 anos –, porém a nudez combativa ao consumo de massa, com forte significado de rompimento com a sociedade dita burguesa, foi retirada ironicamente em nome do capitalismo, da moral e dos bons costumes.

Na releitura do texto de Eurípedes de 405 a.C., o Teatro Oficina estendeu suas concepções para o sexo e para a participação da plateia (*happening*). A montagem d'*As Bacantes*, em 1996, fazia uma mistura antropofágica de Carnaval e candomblé com o mito do deus grego Dioniso. Além das cenas de bacanal em que a nudez aparecia com explícita conotação sexual, o desnudamento era também utilizado como sátira. Críticos da peça se dividiram entre pornografia e homenagem às origens do teatro. Já os envolvidos na produção viam a nudez como libertação do pudor coercitivo que a sociedade (ainda) nos impõe, como se a construção profissional necessitasse da execução do nu e o status subversivo da arte fosse o único ambiente possível para isso. Isso corrobora com o Manifesto do Teatro da Crueldade de Antonin Artaud que colocou o palco como um espaço em que as regras normais do fluxo da vida cotidiana podem ser repensadas, e portanto, socialmente permitido para a nudez.

## DIONISO E A ORIGEM DO TEATRO

Filho de Zeus e da princesa mortal Sêmele, Dioniso foi o último deus aceito no Olimpo. Era representado como o protetor dos que não pertencem à sociedade convencional, simbolizando, assim, tudo o que é caótico, perigoso e inesperado, tudo que escapa da razão humana. Acredita-se que esse atributo venha de um surto de loucura imposta ao deus por Hera, esposa de Zeus. Dioniso teria vagado pelo mundo com ninfas, dríades e sátiros até encontrar a deusa Cibele na Frígia e ser curado.

Lá aprendeu rituais místicos, como criar substâncias a partir de ervas e cultivar a uva para produzir o vinho. Tornou-se, então, o deus grego da natureza, da fertilidade da terra e do homem, dos ritos religiosos, do vinho e, sobretudo, da embriaguez que leva ao contato com o divino.

Em suas cerimônias (chamadas de *Dionísias*), os participantes dançavam e cantavam nus, usando, em alguns casos, máscaras para representar papéis específicos. Com o tempo, os cantos tornaram-se textos recitados e os personagens ganharam funções e protagonismos individualizados, dando os primeiros passos para o que chamamos hoje de teatro.

Em Roma, Dioniso tornou-se Baco, um deus ligado quase que exclusivamente ao vinho e às festividades. As cerimônias em seu nome, os *bacanais*, eram eventos orgiásticos que iam contra os ideais civilizatórios dos romanos e, portanto, o deus perdeu seu lugar no Olimpo para Vesta, deusa dos lares.



Estátua etrusca de Dioniso em mármore. (séc. II a.C.)

## TO BE OR NOT TO BE... NAKED: ESSA É A QUESTÃO!

A definição da palavra “pelado” na língua portuguesa carrega uma conotação negativa em seus significados, como “ausência”, “carente”, “destituído”, “sem pele”. Desnaturalizou-se a nudez como um estado de não ser, de não estar: estar nu é não estar vestido. Já na língua inglesa, a nudez possui dois significados: *be naked* (“estar despido”, semelhante ao português) e *be nude* (termo do século 17 para valorizar a nudez como estado de harmonia natural). A roupa se tornou um demarcador de humanidade e os tabus da nudez são derrubados com o tempo de cena,

quando os espectadores passam a enxergar a performance em si. Zé Celso costuma dizer que “o melhor figurino de teatro é o corpo nu”, é a plenitude da condição natural do homem.

Em 1989 – ou seja, há 30 anos –, Rodolfo Garcia Vazquez fundava o grupo teatral Os Satyros com a montagem *Sades ou Noites com os Professores Imorais*, uma adaptação dos *120 Dias de Sodoma* de Marquês de Sade (1740-1814), escrito em 1785. O diretor entendeu que a nudez constante atuaria como um fator para dar mais impacto aos sofrimentos das vítimas que eram humilhadas por seus libertinos e aprofundaria as metáforas à realidade brasileira. Durante os ensaios, a nudez não era primordial e inicialmente tirar a roupa (*be naked*) ainda causava certo desconforto. Porém, vários atores envolvidos na mais recente produção da peça disseram que a nudez se tornava natural quando se estudava o texto para criar maior conexão com o personagem sem gratuidade na ausência de roupas (*be nude*). Para eles o texto também ajudava, uma vez que o corpo era celebrado do jeito que é em suas imperfeições.

O ator e psicólogo Carlos Arruza, em conversa por e-mail contou que, certa vez, levou sua mãe e sua madrinha para o *Show dos Leopardos*, e, num primeiro momento, as atenções estavam voltadas para os atributos físicos dos rapazes. Minutos depois, elas já comentavam as expressões faciais e pensavam em como eles lidavam com aquela exposição toda.

Cenas da montagem d'Os Satyros para os 120 dias de Sodoma, em 2008. (Fotos: Lenise Pinheiro. Fonte: Internet.)



58



Cena do espetáculo *Aquilo de que somos feitos*. (Fonte: Facebook da Cia.)

A Companhia de Dança Lia Rodrigues levou seus bailarinos a um processo de descobertas das potencialidades de seus corpos no premiado espetáculo *Aquilo de que somos feitos* (2000). Ao longo da construção do trabalho, todos ficavam vestidos, porém, em um dado momento, houve a percepção da importância do desnudamento, a fim de tornar visíveis coisas que não eram visíveis com a roupa. O corpo foi entendido como objeto técnico, como o primeiro instrumento natural do homem, exposto em toda sua vulnerabilidade. Um dos atores do espetáculo aceitou de forma democrática a decisão do grupo, mas foi contra a proposta da nudez. Sua justificativa evidencia um sistema cultural que instaura modelos de conduta:

*Não tenho problema com a nudez ou com o meu corpo, mas não tenho vontade de viver isso em cena. Nunca tinha ficado nu em cena... Eu não queria ficar nu, mas todos queriam. E é muito louco, porque ficar nu em cena não é uma coisa confortável... A gente não anda nu na rua. Não é uma coisa socialmente aceita.*

A protagonista inglesa da peça *Fedra* (2009) disse que sua nudez no palco começou de forma constrangedora nos ensaios e terminou como um empoderamento no palco, pois ela sentia um certo controle sobre o público. Para o ator e modelo vivo profissional Juliano Hollivier a nudez em cena é mais do que empoderamento:

*É generosidade, é o veículo transformador pelo qual a informação chega ao público, orientando-o a uma gama infinita de percepções e compreensões. Se o ator não entende isso, não chegará ao estado real de nudez e, provavelmente, desviará a atenção de seu público para entendimentos superficiais.*

59



A coreógrafa uruguaia Tamara Cubas, do espetáculo *Multitud* – onde 60 bailarinos se despem – considera o nu é “algo anatômico e natural” que não deve ser preocupação do artista:

*Como o público se relaciona com a nudez é problema de cada um. O público tem de se fazer responsável por sua leitura e de suas próprias neuras e possibilidades de diálogo. Senão, seria um espetáculo para que consumam, aproveitem ou não aproveitem. E não é o caso.*

Essa diferença de discursos explicita dois conflitos: o primeiro fica entre aqueles que se expõem em cena e aqueles que ficam nos bastidores; e o segundo entre o comprometimento profissional e as dificuldades pessoais advindas do condicionamento social. Rafael Guerche, diretor do espetáculo *Meninos também amam* (em circuito desde 2013), em conversa pelo WhatsApp, revelou que foi aprendendo a lidar com a nudez do outro junto com as revistas gay e as redes sociais, que alteraram a percepção pública do corpo masculino na direção da pornografia. Então, para ele foi preciso desmistificar a nudez com referências artísticas, abordando a sexualidade com muito respeito e sensibilidade:

*É muito íntimo se desnudar. Nos ensaios, eu estabeleço uma relação de confiança com o corpo do outro, trazendo possibilidades diferentes da sexual, sem qualquer ritual. Em cena, o corpo nu se torna ferramenta de comunicação com o espectador. Preciso construir um caminho para o olhar do público, que vá além da comparação física e entre na dimensão poética.*

Cenas de *Meninos também amam*. (Fotos: Mateus Capelo)

Por e-mail, o artista inglês Colin Ginks acrescentou que o teatro é também uma ferramenta importante de aceitação e identificação tanto para o quem atua quanto para quem assiste. Ficar nu em cena ainda não é fácil para ele por se sentir “condicionado pelo estereótipo da contenção britânica” que reforçam suas inseguranças já exacerbadas por padrões de beleza que considera agressivos. No entanto, em uma reflexão mais profunda, concluiu que essa tensão o faz melhor como artista.

Outros artistas imergem na identidade dos personagens para se distanciarem de si mesmos e conseguirem ficar nu diante de uma plateia desconhecida a cada dia. Mas Hollivier crê que “distanciar-se de si mesmo para encarar ou se encorajar para estar nu diante da plateia, apoiando-se unicamente na personagem, é talvez não entender a função da nudez na encenação”. Em conversa com a revista, proclamou ser fundamental saber o propósito da nudez para poder bancá-la da forma mais honesta possível:

*Quando em cena nu, não há mentira que se conte por muito tempo diante de pessoas que sequer conhecemos. Por isso, a necessidade de estar em acordo com a sua realidade corporal e não se perder um segundo sequer de si mesmo, para então conseguir agregar os estados físicos e emocionais da gênese da personagem.*

Para Arruza, o teatro é um lugar de “viver sem medo ou constrangimento” e reforçou a importância de uma equipe que trate o assunto com naturalidade, sem curiosidade infantil, pois é “a história que justifica a ação de tirar a roupa”. O ator Hugo Bonemer, também por e-mail, completou essa afirmação, ecoando a coreógrafa uruguaia com o fato do contexto mudar a forma de se encarar a própria nudez, mesmo que o desejo do público seja incontornável:

*Em um banheiro masculino a nudez pode significar intimidade; no meio da rua é choque moral; durante uma tortura, é ausência de dignidade; correndo na chuva é liberdade... Quando fiz *Hair* (2010) eu era o único que não ficava nu no momento que todos se despiam em protesto contra a Guerra do Vietnã. Mesmo que eu estivesse na frente, acredito que meu pai tenha sido um dos poucos que estava de fato olhando para mim. Enquanto isso, minhas avós comentavam as anatomias.*

Atores da montagem de *Hair* (2010). Mais abaixo, os protagonistas Hugo Bonemer e Igor Rickli nos ensaios. (Fotos: Divulgação)



## JULGAMENTO PÚBLICO E COMERCIAL

O corpo nu se mantém como proibição relativa a contextos públicos em geral, seja “aberto ao público” (onde qualquer pessoa pode entrar, ainda que mediante condições) ou “exposto ao público” (lugar devassado que permite que um número indeterminado de pessoas veja). Mesmo dentro do espaço teatral, os nus costumam ser acusados de pornografia e atentado ao pudor, virando tema de discórdia e de grande repercussão social ao aproximar a arte de uma prática criminosa.

Os artigos 233 e 234 do Código Penal Brasileiro ilustram as regras que tem por objetivo resguardar o pudor público em situações que possam constituir constrangimento às pessoas em lugares públicos. É muito importante que fique claro que a lei não regula a nudez

especificamente, mas permite que ela seja enquadrada na categoria de ato obsceno caso o agente tenha vontade de ofender à moralidade, ou seja, quando ele utiliza a nudez dolosamente com o intuito de causar escândalo. Zé Celso costuma defender o Teatro Oficina com o argumento de “questionamento poético dos tabus do sexo e da nudez”.

Em 2008, o ator Pedro Cardoso declarou publicamente seu repúdio ao excesso de nudez das mulheres na televisão brasileira e estendeu sua aversão ao teatro, pois definia que a nudez expõe o ator e tira de evidência a personagem. Ele ainda criticou o mercado do entretenimento que explora a exposição gratuita do corpo como ferramenta de marketing, uma vez que o proibido torna-se economicamente vantajoso.

Dentro desse espectro, vale lembrar que em 2007 o ator Daniel Radcliffe, conhecido internacionalmente como o Harry Potter do cinema, decidiu mostrar que estava pronto para papéis mais adultos e aceitou ser o protagonista da peça inglesa *Eqqus*, onde aparecia completamente nu em uma cena. Isso alavancou as vendas de ingressos (atingiu quase 2 milhões de libras em uma temporada de 4 meses) e uma transferência para a Broadway a partir de uma propaganda toda voltada para “a peça do Harry Potter pelado”, o que deixou a diretora Thea Sharrock bem incomodada. Daniel chegou a declarar que se sentiu muito corajoso por ter 17 anos e estar consciente que “grande parte do público estava indo só pra olhar o meu pau todas as noites”.

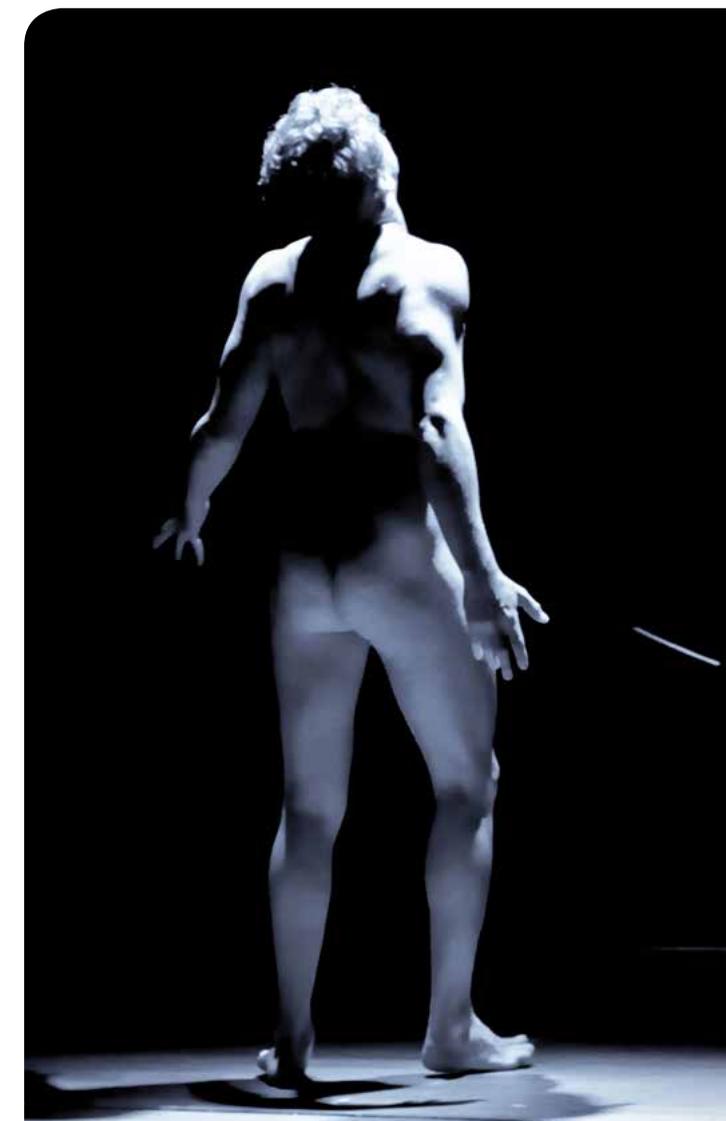


Acima: imagem de divulgação da peça *Eqqus* com Daniel Radcliffe. Abaixo, Leonardo Miggiarin na versão brasileira da peça. (Fonte: Internet)

A versão brasileira (2012) de *Eqqus* com o ator Leonardo Miggiarin teve um olhar público diferente sobre a nudez, uma vez que, no imaginário popular brasileiro, um ator consagrado não precisaria mostrar o corpo para ter sucesso, como se mostrar o corpo fosse um truque baixo, de quem não tem outros talentos. Em todas as entrevistas que deu, Miggiarin precisou responder a isso e manteve um discurso coerente com o universo teatral:

*O único receio foi que a nudez ficasse gratuita e vulgar. O que está longe disso. O texto cria todo um embasamento para que aconteça o nu. Trata-se de uma exigência do texto.*

Bonemer pontua que a presença de artistas consagrados em peças como *Eqqus*, permite que a nudez seja enxergada com a naturalidade e o significado que ela merece. Já Hollivier amplia essa discussão para a nudez em espaços de grande exibição, como, por exemplo, quando participou do programa *Amor & Sexo* (Rede Globo, 2018) para falar da profissão modelo vivo.



### CÓDIGO PENAL BRASILEIRO

#### CAPÍTULO VI: DO ULTRAJE PÚBLICO AO PUDOR



##### Ato obsceno

Art. 233 - Praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público:  
Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa.

##### Escrito ou objeto obsceno

Art. 234 - Fazer, importar, exportar, adquirir ou ter sob sua guarda, para fim de comércio, de distribuição ou de exposição pública, escrito, desenho, pintura, estampa ou qualquer objeto obsceno:

Pena - detenção, de seis meses a dois anos, ou multa.

Parágrafo único - Incorre na mesma pena quem:

I - vende, distribui ou expõe à venda ou ao público qualquer dos objetos referidos neste artigo;

II - realiza, em lugar público ou acessível ao público, representação teatral, ou exibição cinematográfica de caráter obsceno, ou qualquer outro espetáculo, que tenha o mesmo caráter;

III - realiza, em lugar público ou acessível ao público, ou pelo rádio, audição ou recitação de caráter obsceno.



64

Elenco da montagem brasileira de *Ou tudo ou nada* (2015): Sergio Menezes, André Dias, Mouhamed Harfouch, Claudio Mendes, Carlos Arruza e Victor Maia. (Fonte: Divulgação)

A comédia britânica *Ou tudo ou nada* (*The full monty*, 1997) também explorava a relação nudez e dinheiro em um enredo com seis homens desempregados, pouco interessantes e desesperados que decidiram fazer um show de striptease para resolverem seus problemas financeiros. A razão para o sucesso do show no filme é a decisão dos protagonistas de fazerem nudez frontal total, desafiando a fragilidade do corpo masculino em exposição e colocando a revelação do pênis como o grande diferencial de atração. Porém, no filme, nada de genitálias. Já na montagem da Broadway (2000) ou no Brasil (2015), a nudez frontal masculina foi atrativo e chegou a acontecer: em exatos 2 segundos. Na época, o diretor da montagem brasileira, Tadeu Aguiar, declarou que entendia a nudez física dos homens como principal chamariz para que os espectadores acompanhassem o despir emocional dos personagens e se identificassem. Arruza, um dos atores da peça, reitera:

*O nu é fascinante pelo mistério. Uma vez desvendado, o que prende a atenção é o humano.*

## O FALO NA CENA CONTEMPORÂNEA

A bunda praticamente deixou de ser nudez, seja no teatro, na TV, no cinema ou nas praias. Até mesmo cenas implícitas de sexo já se banalizaram nas mídias (ganhando até o nome de *soft porn*). Então, parece que o peso do tabu recaiu sobre o nu frontal. Mas não qualquer nu frontal... Em uma humanidade machista, a nudez feminina é explorada há séculos e, portanto, já causa menos reação do que a aparição de um pênis – vide os casos da prisão do performer Maikon K e do “linchamento virtual” do performer Wagner Schwartz, ambos em 2017 e que foram gatilhos para a criação desta revista (*leia mais sobre isso na terceira edição*).

Hollivier, Ginks e Arruza possuem discursos semelhantes que apontam para uma sociedade gerida por homens (brancos, cristãos, cis-héteros) que pretende esconder seus reais desejos e intenções e o falo é direto, objetivo e determinante, “sem meias palavras”. Sobre esse falocentrismo, Arruza disse:

*Um pênis nunca será somente um pênis. Ele carrega toda a carga machista de imposição da potência em tamanho e rigidez. O nu frontal exposto é quase que uma digital da alma do macho. Tanto para quem expõe quanto para quem assiste.*

A nudez frontal masculina se mostra como um despir total, mais do que físico, também emocional e geral, como se as construções sociais em torno de todos os homens fossem colocadas em foco, como se apenas um ator representasse a todos e, assim, precisa estar em sua melhor forma (branca heteronormativa). Bonemer revelou que se apoiou na história para fazer seu primeiro e único nu frontal em cena (no musical *Yank*, 2018):

*Eu não fazia [o nu] no começo da temporada. Meu medo era que expor meu pênis, sem ereção, no seu estado mais vulnerável, não ajudasse a contar a história. Mas era uma cena de tortura e senti que era essencial me despir por completo. Hoje esse medo não existe mais.*



Cena da performance *Terrário*, de Maikon K. (Foto: Divulgação)

65



Cena de *Meninos também amam*. (Foto: Divulgação)

66

Espetáculos com nus, que durante a ditadura eram “um grito pela liberdade”, nos últimos dez anos passaram também a servir para “desencaretar” um público conservador e atualizar as discussões de gênero e sexualidade. O grupo Os Satyros resolveu ressignificar a nudez banalizada pelos recursos tecnológicos e midiáticos, utilizando potencial erótico e metafórico à frente de qualquer vontade de cutucar o público que já não tem o mesmo efeito de antes. Já Guerche ratifica a naturalidade da nudez no espetáculo *Meninos também amam*, onde faz um poema manifesto cênico e político para abordar questões ligadas à homofobia com um grupo de atores LGBT permanecendo nus em cena. Porém, ainda encara o nu teatral como forma de transgredir os tabus sociais, principalmente em relação ao afeto entre homens, contracenando com a realidade que vai além do desejo.

Todavia, em oposição ao surgimento exponencial de novas identidades e espaços de exposição física e emocional, explode em todo o mundo uma crescente censura mundial semelhante à do período ditatorial, aumentando a pressão

das construções sociais e culturais. A vaidade aparece como um regulador, que o teatro tenta incorporar às suas particularidades contextuais para não se ver refém das mídias e das críticas. Por exemplo, a revista *Veja São Paulo*, por ocasião da peça *Ou tudo ou nada*, focou em um texto que alertava para “atores comuns, com o corpo normal, ou acima do peso, ou mais velhos... longe de ter os atributos físicos para um espetáculo de strip tease que você pagaria”. Arruza encarou a crítica como um elogio, uma vez que acertou em cheio o propósito da peça:

*Aqueles “homens comuns” darem sentidos aos seus corpos, transformando-os em objeto de desejo fora do padrão é um ótimo convite à reflexão. Não se encaixar neste ou naquele território te obriga a inaugurar um novo.*

Hollivier e Guerche lembram que o teatro reproduz padrões, porém, é capaz de auxiliar na democratização dos corpos ditos diferentes para causar uma transformação do pensamento sobre o corpo, que deixaria de ser recipiente para ser reconhecido como um propositor de infinitos significados e mediações. Mesmo que o mercado precise do nu proibido pela religião para vender produtos, o teatro sempre será atemporal em qualquer questão. Arruza fecha dizendo que “se espera uma criatividade que elimine a sensação de pecado judaico-cristão e que o teatro continue encontrando formas de mostrar o corpo humano cada vez mais consciente de sua potência, com criatividade e bom gosto”. **8=D**

# amo

por Bruno Novadvorski

*Amo significa cerâmica na língua lorubá e, além de representar a matéria-prima da coleção, é a essência da pessoa que sou. Alguém que coloca em tudo que faço o mais importante dos sentimentos que tenho em mim: o amor. Nesta coleção, apresento peças exclusivas feitas com cerâmica e fios de couro. Cada uma é única e exclusiva. Os colares são agêneros.*

[amoporbrunonovadvorski.myportfolio.com](http://amoporbrunonovadvorski.myportfolio.com)



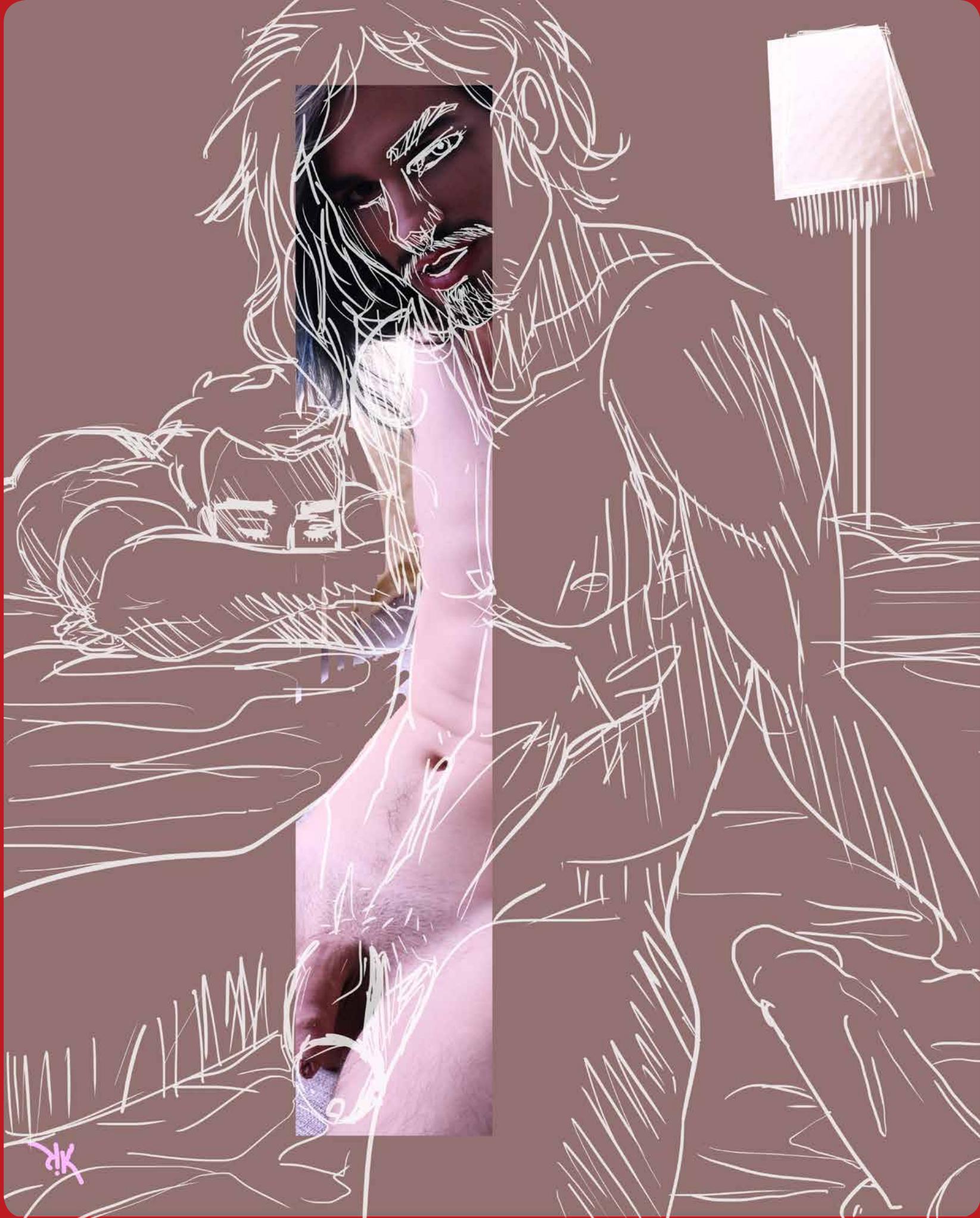
BONFIM, Juliano. *A nudez corporal na cena teatral*. Portal dos Atores, 2017. Disponível na internet.

HOLLIVIER, Juliano. *Nudez consciente criativa*. São Paulo: Amazon, 2019.

PINTO, José Carlos Marins. *A nudez em três momentos da cena contemporânea brasileira: “Bacantes”, “Aquilo de que somos feitos” e “Ensaio Hamlet” – Processo e proposições questionadoras do sistema burguês de sujeição*. Dissertação de Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes. Rio de Janeiro: UFF, 2014.

SOUSA, Maria Angélica Rodrigues de. *A nudez em Cena: Teatro Oficina, o Espelho Mágico e o nu artístico*. Revista *Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.07 - 23, agosto. 2011. Semestral. Disponível na internet.

*Para esta matéria foram entrevistados por e-mail e/ou Whatsapp: o ator e psicólogo Carlos Arruza, o artista inglês Colin Ginks, o ator Hugo Bonemer, o ator e profissional de modelo vivo Juliano Hollivier e o ator e diretor Rafael Guerche.*



Rodrigo Kupfer é artista visual. Paulistano, 33. Expôs na Galeria Marcelo Auge (SP) e participou da exposição *Pau Na Mesa* no Rio de Janeiro em protesto contra censura das artes. Aborda os corpos em ação e com tons fortes aplicados nas telas, papeis e digital.



FALOCAMPSE



o falo

TRANS

por Bruno Novadvorski e Chris, The Red

Quando pensamos em falo, imediatamente, a cultura binária que a sociedade impõe, nos faz associar à parte anatômica do corpo biológico masculino. É preciso quebrar esta limitação e estes conceitos pré-definidos, pois, quando o assunto é a identidade humana, ela nunca é 8 ou 80. O falo vai muito além do pênis.

Para falar sobre este assunto com mais propriedade, o **DUOCU** – formado pelos artistas e colaboradores Bruno Novadvorski & Chris, The Red – entrevistou mulheres e homens trans de São Paulo e Porto Alegre. Com a palavra...

# Dalia Gil

27 anos, carioca, mora em São Paulo há 5 anos. Começou sua transição há seis anos e com 21 anos começou o Tratamento Hormonal (TH).



## Trans e Cis

Dentro da identidade trans, tem um monte de identidade não-padrão. Assim, costumamos usar a letra T para identificar qualquer pessoa não-padrão, que foge do binário de gênero.

Basicamente, uma mulher trans – esta pessoa que foi designada dentro do gênero que nossa sociedade determinou como masculino e isto foi imposto a ela no nascimento por fatores biológicos –, em algum momento, percebeu que não era isto que a representava. Não é este espaço que ela ocupa e não a contempla como ser humano. Assim, ela vai experimentando, entendendo a si e sobre questões de identidade de gênero de uma forma geral. Em determinado momento, ela percebe que o papel dela neste mundo e o que a faz sentir confortável consigo mesma e com o lugar que ela ocupa é feminino. Uma mulher trans é isto. O homem trans é a mesma coisa só que o contrário. E pessoas que vivem confortavelmente sobre o gênero que lhes foi designado quando nasceu são o que chamamos pessoas cisgênero.

## Neste mundo T, como estão as mulheres trans e as\* travestis?

Na minha visão, não existe diferença entre mulher trans e travesti. O que existe é uma diferença sócio-econômica e cultural. O que me separa da moça que está na rua às 4h da manhã com um fio dental enfiado no cu para ganhar 50 reais em um programa é simplesmente um conjunto de fatores que a levaram até lá e os que me levaram até aqui. Se condicionou muito que mulher trans é a bonita, que tem emprego, muito feminina, educada; e a travesti é grandona, com a bunda cheia de silicone industrial, fazendo programa na rua. Mas é preciso entender que é muito cruel separar as pessoas por estes parâmetros. Por muito pouco e por muitas vezes, eu não fui parar lá. E, por várias vezes, refiro a mim mesma como travesti. Hoje, existe um movimento muito forte das pessoas T buscando ressignificar os termos, assim como a militância

\* Ponto importante:

É sempre **A** Travesti.

Não existe **O** travesti.

A Travesti é uma expressão de gênero feminina.

É sempre no feminino.

negra fez com o termo “preto”. Pegar estes termos e transformá-los em poder, em algo que nos diferencia. Sou uma mulher, um puta mulherão, mas eu tenho as minhas especificidades. Eu tenho os meus recortes como mulher trans e o termo travesti me ajudou a exaltar mais ainda estes recortes e me sentir mais poderosa. É tomar as coisas para si. Isto aqui agora é meu. Não vou deixar mais o outro usar isto como algo para me oprimir ou me diminuir.

## E o Falo? Como é este Falo Trans?

É uma questão complicada e até polêmica para muita gente, inclusive para mim, mesmo lidando muito bem com meu pênis. Na balada, vou com amigas cis ao banheiro, de ficar pelada uma na frente da outra. Mas é um processo. Esta relação com meu pênis foi construída aos poucos até chegar neste ponto de conforto.

Uma vez ouvi uma mulher trans dizer uma coisa que me marcou muito, para sempre. Até muito recentemente, existia um discurso de que “háviamos nascidas no corpo errado e que devia ser muito ruim nascer assim”. Na realidade, o discurso ainda existe, mas não é verdadeiro, pois eu não nasci no corpo errado. Estou de boa com o meu corpo. Ele é o certo e estou adaptando-o naquilo que mais me dá conforto. Você nasce no corpo que é para ser e vai fazendo modificações, observando as proporções necessárias à própria saúde, à forma como se expressa. Existem várias formas de se fazer isto. Por exemplo, quem faz tatuagem está querendo expressar alguma coisa. Quando faço meu TH,

Fotos feitas por  
Chris, The Red, com  
apoio de Rainnery,  
na Casa Quina.



estou moldando meu corpo para expressar a identidade de gênero que me negam como mulher.

Esta é a parte mais difícil para as pessoas entenderem. Fomos nós que definimos que isto é homem, isto é mulher, isto é um pênis e isto é uma vagina. Foram criados padrões arbitrários para tentar encaixar todo mundo e tudo foi construído em cima disso. Hoje as pessoas se comportam com se estas definições tivessem vindo assim, com estes conceitos, estes nomes, mas não vieram: nós as construímos. Assim, entendo que existem diferentes corpos, genitálias e expressões de gênero. Chegamos a um ponto da evolução da humanidade e de complexidade da expressão individual em que esta divisão binária não tem mais espaço. Precisa ser ressignificada, porque cada vez mais existem outras expressões de gênero, muitos sexos e sexualidades. No fim das contas, se pararmos para pensar, nem faz tanta diferença: a gente é que se condicionou a dar muita importância para uma coisa que é uma besteira.

Acho que as pessoas tendem a cair num erro muito comum que é o de usar as diferenças para segregar

e o caminho não é esse. A valorização das diferenças é muito importante. Entender que somos diferentes e únicos é primordial. Isto não serve para me separar de você. Eu entender você, a sua expressão de gênero e sua sexualidade e vice-versa deve servir para nos aproximar como seres humanos. Porém, muita gente ainda não faz isto, que usa as diferenças para separar e não para agregar. Gosto que as pessoas valorizem o meu recorte social como mulher trans, pois tenho muito orgulho. Eu ralo o cu no asfalto para ser esta mulher e para construí-la, pois eu a fiz do nada. Isto deve aproximar as pessoas. É por isto que eu luto.

### Voltando ao Falo

Eu nunca tive um grande problema com meu pênis e esta relação se estabeleceu no momento que eu comecei a ver garotas como eu desesperadas, morrendo, colocando a própria saúde em risco, querendo se cortar inteira, injetar um monte de produto industrial, a se prestar a todo tipo de absurdo. Eu não queria ser esta pessoa.

Às vezes, claro, penso que se seria legar ter uma vagina, que talvez um dia eu passe por este processo que a gente chama de transgenitalização. No entanto, criei uma relação boa com meu pênis. É um trabalho difícil, precisa ter uma cabeça muito boa, mas não é impossível. Reconheço que existem casos muito extremos, que existem mulheres trans que não conseguem existir daquela forma, com aquela configuração. Tudo bem. Mas também ouvimos casos de mulheres que se arrependeram do processo. Ou ainda de mulheres que transgenitalizaram e não conseguiram mais ter um orgasmo porque não fizeram para si, para se sentir bem consigo, mas porque a sociedade fala que pra ser “mulher de verdade” precisa fazer o processo e ter uma vagina. Quando entendi que não precisava fazer isto comigo, agir desta forma desesperada para me sentir uma mulher – porque a minha segurança como mulher não vai vir disto –, comecei a conseguir ficar de boa com meu corpo e o meu falo. **8=D**



# Fernanda Kawani

## Custódio

29 anos, mulher trans, travesti, atriz, empreendedora. Ao lado de Guttervil, seu sócio, criou a *Transludica*, primeira loja colaborativa de pessoas trans. Recentemente, fez sociedade com Camila Farani, que possibilitou a expansão da loja para um espaço cultural e de acolhimento de pessoas trans. Fez vários espetáculos teatrais pela Companhia de Teatro Os Satyros. Atualmente, faz parte do MONART – Movimento Nacional de Artistas Trans, encabeçado pela atriz Renata Carvalho, junto a outras artistas trans do Brasil.

### Trans e Cis

A palavra *trans* surgiu primeiramente no CID\* e estava relacionada a distúrbios mentais. Então, a transexualidade era um transtorno de identidade de gênero. Ao mesmo tempo que denominava quem somos, provocava um afastamento das pessoas que não eram trans. Assim, nós mesmos decidimos criar a palavra *cisgênero*, justamente para a pessoa não falar: “Ela é trans e eu sou normal”. Hoje, a palavra *cisgênero* é um termo médico para denominar as pessoas que se entendem no seu próprio gênero biológico. Por consequência, ressignificando a palavra *trans*.

### Transvestigeneris

Primeiramente, é importante salientar que não existe diferença entre mulher trans e travesti. A palavra *travesti* é latino-americana, nascida aqui e inspirada no termo francês *travestite*. A palavra *trans* é mais higienizada, eurocentrada, criada na Alemanha, enquanto *travesti* é nossa e por isto eu a ressignifico. Há um erro muito grande quando as pessoas falam que a travesti é a que se prostitui e é marginal enquanto a pessoa trans é bonitinha e precisar ser aceita porque tem um problema mental por não se entender no seu gênero. Nada disso é correto. É a mesma palavra. Baseado nisso, a deputada Erika Hilton (deputada estadual transexual eleita em São Paulo) juntamente com a Indianara Siqueira (militante do PSOL) criaram uma palavra nova: *Transvestigeneris* para contemplar ainda mais toda a comunidade (pessoa trans, a travesti e as pessoas de gênero).

### A Fernanda

Comecei a me perceber como mulher desde cedo. Sou de São Caetano, mas cresci no interior, em Araraquara e não tinha referência de travestis na minha cidade. Só de homens que se vestiam de mulheres (*Crossdresser/CD\*\**). Esta foi minha primeira referência e eu me entendia assim. No entanto, a partir do momento que percebi que o CD entrava na persona de mulher e depois voltava para o homem, não era isto que eu queria, pois eu queria ser sempre mulher. Então, veio meu primeiro contato com as travestis da prostituição (que é o primeiro lugar que a gente as vê) e no programa do Silvio Santos. E ao ter este contato, percebi que era assim o que desejava ser. Eu tinha uns 14 anos. Comecei a desfilar em concursos de miss. Participei do Miss Gay América. Cheguei a ganhar vários concursos. Com 21 anos, passei a me entender como mulher trans e decidi fazer a transição, começar com a Terapia Hormonal. Na realidade, eu sempre soube, mas foi quando resolvi assumir para a sociedade.

\* CID: Classificação Internacional de Doenças, da Organização Mundial da Saúde (OMS).

\*\* Crossdresser: homem que se entende como homem e gosta de se vestir como mulher (fantasia/fetiche)

Hoje, já começamos a desconstruir o que é o padrão homem e mulher. No entanto, quando comecei meu processo, para ser vista como mulher trans ou travesti, tinha que ter peito, nariz, não podia ter pêlo e tinha que fazer terapia hormonal. Eram as regras. Ou seja, saíamos de uma caixinha para entrar em outras. Ainda estamos neste processo de desconstruir tudo isto, de que para ser mulher precisa ter tudo isto. Eu sou mulher mesmo com pêlo, voz grossa, inclusive, com roupas que não sejam designadas como roupas de mulher. Não preciso reproduzir um padrão cisgênero para eu ser mulher.

Quando era mais nova, eu me preocupava muito em me encaixar nestes padrões. Hoje, me preocupo é em pagar minhas contas, em divulgar minha loja e meus produtos. Lavo meu cabelo, coloco uma roupa e vou. Antigamente, era toda uma produção, pois achava que era uma forma de afirmar minha feminilidade. Agora, me afirmo da forma que sou.

\* **AQUENDAR:** ato de esconder o pênis para trás, entre as pernas.

### Falo, Disforia e Escolhas

É uma questão muito discutida até hoje por conta da disforia de gênero. Disforia é tudo aquilo no nosso corpo que não nos faz entender naquele gênero. E o pênis sempre foi um órgão dito como masculino. Então, aprendemos a repudiar o nosso falo. Durante muito tempo, muitas trans fizeram e fazem cirurgia por não se sentirem mulher. Eu já vivi um pouco desta disforia. Durante a fase da TH, ela se aguçou. Fiquei mal, pois a gente perde a ereção, o tesão. Foi quando decidi parar com a terapia. Queria ter minha vida de novo, me sentir sexualmente ativa, feliz. Nós somos um corpo sexual e, como diz o Paul Preciado, um corpo sem sexo é um corpo monstruoso. A pessoa se torna fria, insensível. Tive que colocar na mesa e fazer uma escolha. Já fiz tanta coisa, coloquei peito, nariz. Deixa o hormônio para lá. Mas o meu falo sempre teve uma participação importante, pois quando fazia programa era o que mais os homens procuravam. Então, já foi uma ferramenta de trabalho. Hoje, é meu genital. Convivo em tranquilidade com ele. Gosto dele. A disforia já não tem espaço como antes. Mas claro que muitas mulheres trans ainda têm questões a serem resolvidas com seus próprios falos, principalmente, por conta da sociedade que impõe que o falo como masculino, que mulher não pode ter falo, pois é vergonhoso. E que tem que aquendar\*. Aliás, acho este termo horrível e que tinha que desaparecer. Todo mundo sabe que mulher trans/travesti tem pau. Não tem que ficar escondendo. Machuca e é desconfortável. Acredito que isto ainda vai ser um processo de evolução, no qual as pessoas irão perceber e aceitar que existem mulheres de pau e homens de buceta e assim, seremos um pouco mais livres e nos aceitarmos como somos. **8=D**

Fotos feitas por  
Chris, The Red, na  
Transludica.



Num bate-papo descontraído pelo campus centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, Fantin e Bruno foram trocando ideias sobre o dia-a-dia, as experiências, as relações com outros colegas, com os pais e sobre ser trans.

## Design x IA

*Não fiquei muito tempo no Instituto de Artes (IA) para saber. Devo ter ficado lá só meio semestre. Eu gostava muito mais de cerâmica do que da aula de modelagem que faço atualmente, por exemplo. No entanto, o design é mais direcionado para o que eu quero. Não tem desenho de observação como tínhamos no IA, mas estou gostando. Os professores são acessíveis e tenho um colega que estuda comigo que também é trans. Eles me respeitam. Já mudaram o meu nome na chamada, mesmo que ainda não tenha entrado com o processo para solicitar o registro social. Eles, por conta própria, fizeram a alteração. Isto é bom. Mas sabemos que não é consenso docente respeitar o nome social das pessoas trans.*

## Registro social

*Não sei. Tenho adiado por conta da ansiedade, de ir no TudoFácil, descobrir que documentos preciso, com quem tenho que falar e, assim, vou deixando para outro dia. Tem um coletivo LGBT, tenho pensado em procurá-los para ver todas estas informações.*

## Na sala de aula

*Acho que ter um outro colega trans em sala de aula me trouxe mais confiança para estar na universidade e na própria relação com os professores. Sabemos que um espaço como a sala de aula deveria ser democrático, mas a realidade é outra. Tem casos em que professores estão sendo denunciados por uma série de questões como assédio e transfobia.*

## Coletivo trans

*Na verdade, temos pensado na ideia de criar um coletivo trans. Estava trocando ideias com o pessoal do Grupo de Homens Trans. Ter um coletivo na universidade é importante neste sentido de evitar o preconceito. Atualmente, acredito que tenha em torno de oito homens trans na UFRGS.*

## Transmasculino Não-Binário

*No geral, eu uso o termo transmasculino para me identificar, mas depende muito do ambiente. Se estou numa reunião só com homens trans, geralmente, me mostro como não-binário, para ter um contraponto. Ainda existe muita masculinidade tóxica entre os homens trans, uma vez que são essas as nossas referências. Antes mesmo de começar a fazer parte de grupos trans, as amizades e os livros vinham dos grupos feministas que eu participava. Por exemplo, os livros da Marcia Tiburi me fizeram gostar novamente do feminismo. Na época, eu era um homem trans mais solitário e entrei em contato com muitas feministas extremamente radicais, o que me causou uma raiva do movimento. A Tiburi me reconectou com o feminismo em outras formas, como o feminismo interseccional. Também conheci a obra da Djamila Ribeiro.*

## Entender-se como homem trans

*Reconhecer-me como um homem trans foi bem definitivo. Surgiu quando conheci homens trans e percebi que eles existiam. Até então, não acreditava na existência de outras possibilidades de gênero. Foi no ato de ter consciência da existência que me reconheci como uma pessoa que se diferenciava das demais na sociedade. A partir do momento que entendi, foi determinante no meu autoconhecimento.*

Foto do projeto *Retratos Latentes*, com pessoas LGBT da grande Porto Alegre, feita pelo sociólogo e fotógrafo Prof. Dr. Rodrigo Otavio Moretti. (Acervo pessoal Fantin)

Fotos feitas por Bruno Novadvorski.

### Ser trans na família

*Foi ano passado que me abri para minha família, mas sinto que há um fingimento, uma máscara de não preconceito. Na realidade, é mais uma forma de se sair bem na fita do que uma aceitação propriamente dita. Por exemplo, meu pai respeita meu pronome, o nome que escolhi, mas é mais para ele dizer que me respeita, poder dizer que ele é esta pessoa super desenvolvida, do que realmente uma pessoa não preconceituosa.*

*Já meu irmão foi de boa. O resto da minha família foi tranquila. Minha vó mesmo afirmou que me chamaria do que eu quisesse. E agora, ela fica me chamando de Joãozinho (risos).*

### O pronome

*O ideal seria existir um pronome neutro. Não acho que o “x” atenda, sem falar na própria questão da dificuldade fonética. O ideal seria alterar o português para se adaptar às novas realidades. Afinal, muito da língua muda de acordo com o que a gente fala.*

### Trabalho, Emprego & Sociedade

*Acho que fiquei muito tempo na minha bolha, na área do design, onde muitos são da comunidade LGBT. Então, até o momento, não senti muito a pressão da sociedade no que se refere a minha transexualidade no campo do trabalho. Mas sei que a transfobia existe. Não posso julgar a verdade baseada somente na minha vivência. A pressão é real e talvez seja saber isso que me dá a ansiedade de não conseguir entrar no TudoFácil e mudar meus documentos. **8=D***



# Caio Jade

27 anos, performer, formado em filosofia, trabalha em um sebo incrível na Zona Sul de São Paulo desde os 19 anos, um espaço muito importante para ele, onde viveu muitas coisas. A primeira vez que cortou o cabelão foi lá, graças ao dono do sebo que incentivou e pagou o corte dele. Foi um marco.

## Trans e Cis

*Eu me recuso a me apresentar como homem trans. Quando uso o termo homem trans, algo bem raro hoje em dia, é como estratégia. Quando falo em transição, é uma estratégia também, para jogar com a cartilha que se usa ao falar sobre pessoas trans hoje em dia. Sinto que não vivi uma transição, como se eu sempre tivesse sido a mesma pessoa. Demorei pra entender que quem sou não tem nome. Porventura, a gente é nomeado. No meu nascimento, fui nomeado de um jeito e no meu outro nascimento, recebi uma nova nomeação. Essas nomeações são presentes e estratégias de como a gente vai brincar com a vida e com o mundo.*

*Como estudante de filosofia, não espero que tudo esteja pronto, empacotado. Me vejo mais duvidando do que sendo assertivo. Sobre esta questão “cis” e “trans”, começamos a usar essas palavras para tentar falar sobre vidas que possuem certas condições. O “cis” surge como contraponto ao “trans”, assim como o “hétero” ao “homo”. Sempre alguém nomeando o outro e o marcando. Quando aqueles que são hiper marcados e perseguidos se fortalecem, exigem: você que me nomeou agora também vai ser nomeado. O termo “cis” surge nesse sentido. As pessoas que foram rotuladas como “trans” viraram e disseram: vocês também têm nome, cisgêneros. No grego, “cis” é o que está dentro de certas linhas, enquanto que “trans” é o que atravessa, que rompe os limites.*

*Temos falado muito em gênero, mas deixamos de falar em sexo. Ninguém fala em cissexual, mas fala-se muito em transexual. Então, podemos pensar nesta confluência de palavras: cissexual, cisgênero, transexual, transgênero. Gênero e Sexo são palavras que tentam cercar realidades muito plurais e escorregadias. Palavras como “cadeira” são mais fáceis de compreender o que indicam, mas gênero ou saudade, por exemplo, são mais difíceis. Tentar cercar certas realidades com palavras pode ser um truque perigoso: a gente pode acabar perdendo a riqueza e a pluralidade das experiências.*

*Quando pedem que pessoas trans falem, é isto que se espera delas: os rótulos. Esperam que a gente tenha nomes e conte histórias de nomes e, às vezes, a gente não tem. Por exemplo, tem a famosa autobiografia A Queda para o Alto, dos anos 80, de uma pessoa que se chamou Anderson Herzer, cujo nome de registro era outro. Ninguém atribuiu masculinidade à pessoa que escreveu esse livro, mas o livro é cheio de masculinidades. Nele não existe o nome transexual. Em contraponto, Erro de Pessoa, de João W. Nery, lançado dois anos depois, possui o nome transexual já na capa. Mas as vivências de gênero de Herzer são muito marcadas pelo o que os nossos olhos vêem como uma vivência trans. Ainda assim, não posso chamá-lo de trans, porque ele não se chamou. É um cuidado que preciso tomar para não me referir a alguém de uma maneira que ela própria não se nomeou. Como as pessoas sempre esperam que tenhamos nomes, caímos em erros constantemente e acabamos não ouvindo aquilo que as pessoas estão dizendo, expressando ou, então, silenciando.*

Performance *Cabo de Guerra*, apresentada na III Semana da Diversidade da Universidade Federal de Ouro Preto (MG), 2017. (Foto: Divulgação)

86

Eu não posso falar sobre um mundo trans/cis e todas as suas experiências e vivências, pois realmente, não pesquisei o bastante para pensar nesse conceito de mundo, e eu penso muito no jeito como eu falo. Mundo é um conceito importante para um filósofo austríaco chamado Wittgenstein, por exemplo, que refletiu em seu primeiro livro sobre limites da fala. Ele propôs que não era possível falar sobre certas coisas, era preciso silenciá-las. Isso tem me feito refletir muito sobre a questão do gênero. Sobre o que é possível falar?

Não consigo falar sobre algumas vivências de gênero. Não tem como dar nome, mas existe sempre uma expectativa do outro (seja o de fora ou o de dentro) de nomear essas experiências. No entanto, eu lido de outra forma, mais poética e menos nominativa e, principalmente, a partir do respeito e da vontade de ouvir o outro. Um dos perigos que existe na hiper nomeação é a falta do escutar. Olhamos o outro já na ânsia de rotular. Certa vez, aqui no sebo, eu fui

interpelado por um senhor dessa forma: “o que é isso?”. Me marcou profundamente entender que ao ser questionado dessa maneira, eu não era um sujeito ou qualquer coisa próxima de humanidade. Eu era uma coisa. “O que é isso?” é o lugar do objeto. Sinto uma grande falta de respeito na ansiedade por nomeação, e isso acontece tanto nos círculos da vida como nos das militâncias, espaço do qual não faço mais parte. Saí da militância ao perceber exigências de modelos de conduta, ansiedades e obrigatoriedades nas nomeações de si e dos outros.

### Caio surge

O Caio surge ao conhecer outras pessoas com vivências parecidas com as minhas. Mesmo sem nenhuma consciência do que fosse gênero ou da existência de pessoas travestis ou trans. Travesti era um tipo de xingamento que eu sabia que existia, porque ouvia através de colegas de escola. Em 2014,



Ensaio performático *Ser desperto*, Belo Horizonte (MG), 2018. Foto: Lucas Ávila.

87

vivências e reflexões, surgiu o nome Caio, de uma forma muito mais mágica do que racional. Estava lavando louça, conversando comigo mesmo, dentro da minha cabeça, e no meio da conversa, eu me peguei falando: “não é, Caio?”. Mas quem é Caio? Pra tentar entender, escrevi um micro conto sobre esse nome. Entendi que Caio é a queda e levei isso pra performance – queda, Caio, corpo. Passei um bom tempo experimentando o que seria a construção de um gênero, até descobrir que não tem construção nenhuma ou tem todas e tudo é mais líquido do que equacionalizável.

Gênero é um assunto complexo. Acho que a didática e a educação sobre gênero não podem ser óbvias. Para a educação existir, não precisamos de um mestre, mas de pessoas interessadas. Zaratustra e Grotowski me ensinaram que para aprender é preciso abandonar a própria ideia de precisar de um mestre. Ouçamos os outros, mas abandonemos e caminhemos com as nossas próprias pernas. Nossa educação é estruturada através da repetição e da decoreba. Repetimos a tabuada do gênero: “Homem Trans”, “Mulher Trans”, “Travesti”, até o momento que tudo isso cai. Passei um bom tempo pensando no que seria gênero e me lembro de algo que uma amiga me falou na faculdade: “Gênero não está em lugar nenhum”.

conheci a primeira pessoa que virou pra mim e falou: “eu quero tirar os peitos, tomar uns hormônios”. E eu pensei: “tá enlouquecendo, né?”. Cinco meses depois, eu estava entrando nas minhas “piras”. Em 2015, quando estudava filosofia na USP, conheci as primeiras pessoas que se auto nomeavam trans, e convivendo com elas adquiri consciência de que eu poderia ser trans. No mesmo período, aconteceu o primeiro ENAHT – Encontro Nacional de Homens Trans na USP e trocar experiências com todas aquelas pessoas, foi incrível, mas ao mesmo tempo eu fiquei com muito medo de ver tanta mudança acontecendo dentro da minha consciência, e tão rápido. Me envolvendo mais e compreendendo tudo isto que estava se abrindo para mim, fui compreendendo a nomeação que me foi dada por um colega, de “trans não-binário”. Durante essas

Hoje em dia, quando falamos em gênero nos meios militantes, relacionamos muito à cultura, deixando de lado o cérebro, a neurociência e a constituição biológica. Como há uma pressão muito grande dos discursos biologizantes sobre o gênero, surge uma aversão à biologia nos discursos LGBT+ militantes. Em contracorrente, passei a ler sobre ciência e refletir como o gênero tem muito a ver com cérebro, com biologia, que não é só uma questão cultural. Sinto que o gênero está muito no lugar de um mistério, de uma experiência espiritual também.

### Falar o Falo

A palavra falo é muito usada para nomear uma parte do corpo, genital, de órgão sexual. No entanto, quando se pesquisa, por exemplo, na literatura psicanalítica e nos textos do Lacan, tem uma outra dimensão no conceito de Falo. Pelo pouco que recordo, o Falo seria algo como um lugar de poder que se deseja possuir, alcançar, para o qual todos nós corremos em direção a, mas que ninguém alcança. Deseja-se o falo, mas não o possui. Na minha cabeça, o falo tem a ver com o verbo também, com a fala. Como se buscássemos um lugar de fala, que não possuímos. O que me faz pensar em como, atualmente, usa-se o FALO e a FALA como ideias de poder.

Lendo O que é lugar de fala, da Djamila Ribeiro, a gente observa que o lugar de fala não é um conceito de propriedade, mas um conceito que aponta para processos de silenciamento. Aponta para o lugar daquele que não pode falar, que é destituído de sua enunciação. Diferente do senso comum de que lugar de fala é um lugar de posse, de propriedade para falar. Estamos sempre caindo em discursos de poder, de propriedade; acho que deve ser uma marca da nossa sociedade. Recentemente, resumi o que penso sobre o conceito de lugar de fala nesses dois versinhos: “lugar de fal(t)a/ lugar de fal(h)a”.

Minhas vivências são diferentes das dos outros. Me nomear trans é uma estratégia em certos contextos, mas essa palavra não cabe como definição de quem sou. Ela é temporária e contextual. Por isso, acho que temos que tomar cuidado ao nomear. O lugar de fala tem a ver com a escuta. Sem o respeito ao outro, mesmo sem conhecê-lo, não tem como haver escuta ou fala. Combater processos históricos de silenciamento, viver com a diversidade das pessoas de maneira respeitosa, exige de nós uma disposição para ouvir. A gente ouve com o coração também. Talvez, como a Jota Mombaça aponta em diálogo com o artigo de Spivak, o subalterno realmente fale, mas sua voz não é escutada. Os processos do poder e do autoritarismo parecem estar ligados à falta da escuta. Percebi essa lacuna na militância também. O jeito militante de lidar com as pessoas, com o falo e com a fala, me parece muito quadrado, duro, autoritário. Acho que seria importante repensar a fala e o falo. **8=D**



# Lucca Alves

20 anos, não-binário, não sou nem trans nem cis, sou uma coisa no meio e ao mesmo tempo sem ser no meio de nada. As pessoas sempre me perguntam o que é ser não-binário e eu digo que, literalmente, é o meio e o nada. É você ser e não ser. Tem dias que acordo e me sinto totalmente feminina. Em outros, eu me vejo e odeio meus peitos. Eu quero ter uma coisa diferente. Não me sinto bem neste corpo. E tem ainda aqueles que acordo e falo “ok, to aqui, to vivendo”.

## O T de LGBTQIA+

As pessoas não-binárias estão no meio do Trans. A letra T da comunidade engloba tanto as pessoas trans como as não-binárias, ou seja, todas as pessoas que não são cis. Na bandeira trans que traz o rosa, o azul e o branco, sendo este último o que significa a falta de gênero, da bandeira não-binária.

## Tratamento Hormonal (TH)

O TH para o não-binário é um pouco mais complicado que para uma pessoa trans. Na realidade, uma roleta russa, pois tem dias que quero ter peitos, colocar um sutiã e sair pela rua. Enquanto em outros, eu olho e falo: “eu quero tirar isso”. Não dá para se comprometer. Claro que existem pessoas não-binárias que tencionam mais para um lado. Tenho alguns amigos que não conseguem passar um dia sem o binder deles e que já estão se preparando o TH ou para a cirurgia. É algo muito da visão de cada um. Não dá para generalizar. É muito difícil encontrar pessoas não-binárias que tenham a mesma visão. É uma coisa incrível do mundo LGBT, porque cada um de nós tem uma parte que nos une: se cada um contar a sua história, vai ter um 1% dela que você vai se reconhecer. Todos nós temos histórias diferentes.

Particularmente, eu não pretendo fazer o TH, por uma série de questões, mas principalmente pelo que falei antes, observando minha disforia, minha não-binariedade, é complicado optar por um tratamento que mais adiante pode comprometer outras escolhas minhas. Assim, vou me adaptando ao binder, trabalhando a entonação da minha voz, mantendo o cabelo curto.

Antigamente, o tratamento era buscado, pois tinha o pensamento de que para ser isto precisava daquilo, por exemplo, que para ser uma mulher trans, precisava tirar o pênis. Mas isto tudo está mudando. Hoje, uma pessoa trans já não se sente obrigada a determinadas regras. Ela escolhe se quer ter ou não vagina ou pênis. Não é isto que a define. Se no futuro, optar por tirar o peito ou colocar um pênis, por exemplo, será uma escolha totalmente voltada para mim e não para o que a sociedade determina. A própria retirada pela OMS da transexualidade da CID como uma doença contribuiu para quebrar estas concepções. Não se precisa fazer todo um tratamento para se considerar o que deseja ser.

## O falo que não está lá

Quando me olho no espelho e estou com muita disforia, eu vejo meu rosto e o vejo bem masculino, mesmo quando os outros me dizem que tenho um rosto fofo e/ou feminino. É terrível. De fato, o corpo, o que está por baixo, é o mais desconfortante. O que vejo na minha mente não é o que vejo ao vivo. Várias vezes, eu não consigo ser tão masculina e quem eu quero ser porque eu não tenho isto.

### Desconstrução do falo

Desconstruir esta ideia de que o falo está diretamente relacionado ao um órgão da anatomia masculina não é fácil, mas ainda assim sinto que já há uma mudança. Até mesmo a relação do corpo nu como objeto sexual. A própria Falo Magazine está contribuindo nesta mudança de mentalidade, de retirar o falo deste espaço do pênis. As pessoas estão começando a entender que o corpo é apenas uma parte do que somos. Que masculinidades e feminilidades estão mais relacionados com o nosso interno do que o corpo que apresentamos ou com um órgão genital.

### As primeiras descobertas

Olhando para o meu passado, com certeza, minha relação com a minha própria identidade começou bem antes de eu perceber qualquer coisa. Me lembro de quando meus peitos começaram a crescer e as pessoas falavam para eu andar mais ereta para eles se destacarem mais e mostrar que eu já estava virando uma mocinha e eu fazia exatamente o oposto. Me curvava para escondê-los, pois não me sentia confortável com aquilo. Mas até então,

não era uma identificação direta com questões de gênero. Isto veio depois quando comecei a fazer cosplay e representar personagens do Harry Potter entre outros e quando fazia maquiagem de barba, um rosto mais masculino e eu olhava para o espelho e não queria tirar aquela maquiagem. Sentia que se o fizesse, eu estaria excluindo uma parte de mim. Foi também no mundo do cosplay que conheci várias outras pessoas que não se identificavam na binariedade e comecei a descobrir o que era ser não-binário e a me identificar mais. Tanto que a primeira coisa com quem me identifiquei foi como DemiGirl, pois era o que eu me sentia mais confortável na época até quebrar toda a barreira e falei: “eu não sou nem feminino nem masculino” ou como minha mãe sempre brinca: “eu sou uma batata” (risos).

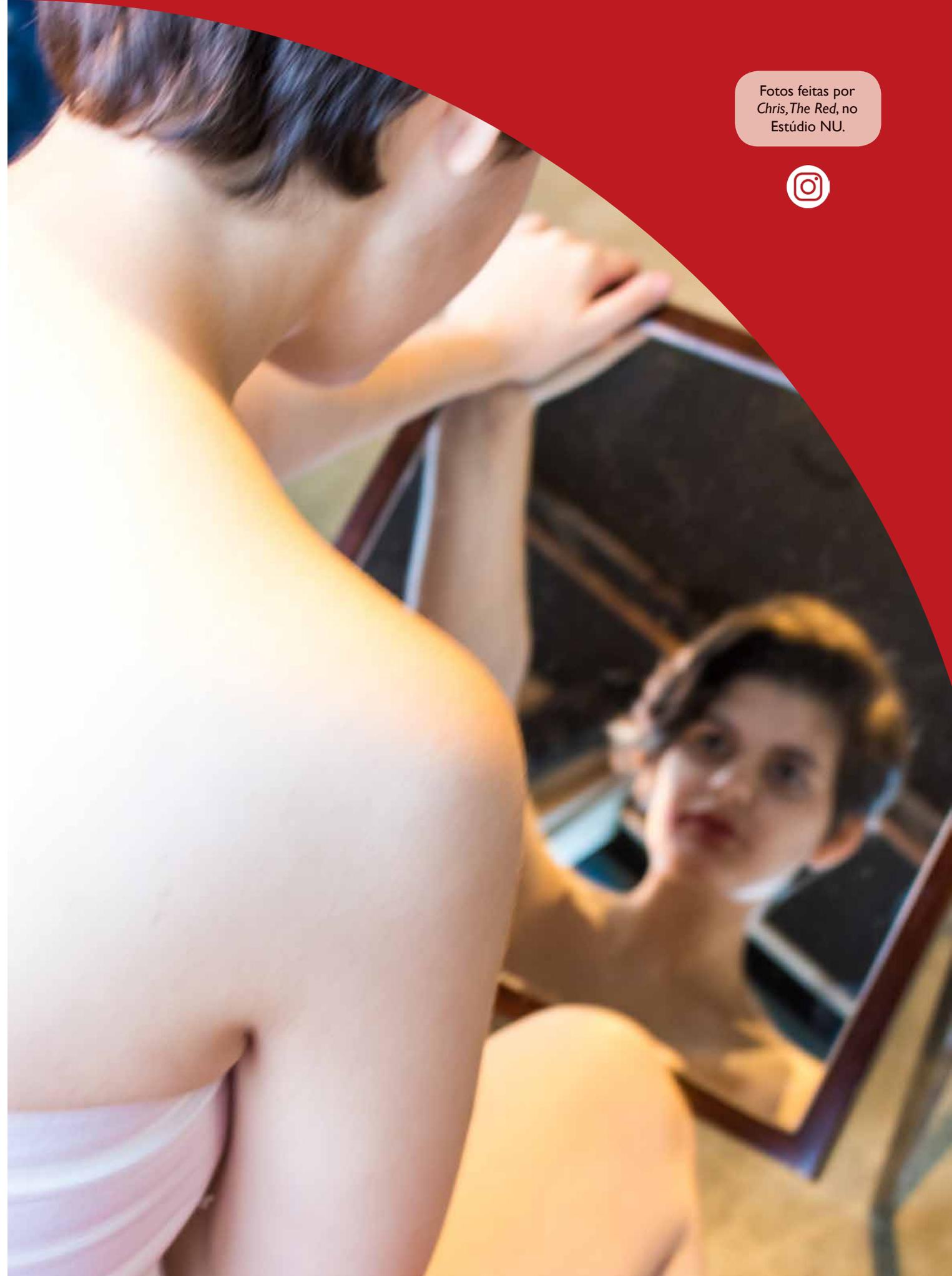
### Ter o apoio da família

(na entrevista com o Lucca, a mãe, a Juliana, estava presente e aproveitamos para conversar sobre a diferença de ter o apoio da família)

É muito bom ter o apoio. Tenho vários amigos que foram expulsos de casa. Então, o apoio é fundamental. Muitas vezes, nem eu estou entendendo o que estou passando, com muita disforia, e ela fala: “respira”. Ela começa a me chamar só com pronomes masculinos, ao invés de misturar, pede para eu colocar o binder. Diz que é melhor não ir na escola, vamos a barbearia, cortar o cabelo. Ela me ajuda muito nisso. Tem momentos que ela fala algo que não se encaixa, mas ela está aprendendo. O que é normal, pois estamos em constante estado de aprendizado e ter uma pessoa te apoiando sempre é maravilhoso e primordial.

Me lembro quando me assumi para ela como não-binário e ela respondeu: “ok, então, pega a sua ele bunda e vai fazer um café para mim”. Se referindo ao fato de que para não-binários, buscamos não utilizar os pronomes “a” ou “o”, mas o “e”: bonita, bonito, bonite.

Fotos feitas por  
Chris, The Red, no  
Estúdio NU.



## Lucca/Malu

Desde pequena, eu sempre tive estes dois apelidos, Lucca e Malu. Hoje em dia, eu adoto mais o nome Lucca. A Malu se apresenta mais na internet, quando converso com pessoas de fora e para lá, não é um nome associado imediatamente com o feminino ou o masculino. Diferentemente no Brasil, que já é associado como um nome feminino. Então, prefiro usar o nome Lucca. E é engraçado, pois quando me apresento como Lucca, muitas pessoas falam: “então, você não é uma garota?”.

## O Banheiro

O banheiro é sempre uma confusão. Em muitos lugares, é um espaço que contempla apenas a binariedade social. Quantas vezes já aconteceu de eu perguntar para alguém onde é o banheiro e a pessoa me mandar para o feminino e quando entro no masculino, a pessoa fala que ali não é o banheiro “certo”. A sociedade tem um grande estigma onde o homem tem que estar e onde a mulher tem que estar. Na escola tem muito isto, dos professores e diretores acreditarem que deixar uma pessoa trans ir ao banheiro que se identifica é um perigo para as pessoas cis. Quando na realidade, é o contrário. Por exemplo, uma menina trans que é obrigada a usar o banheiro masculino está correndo muito mais perigo. Ela pode sofrer bullying, transfobia. O correto seria a escolas entenderem que banheiro é apenas um espaço para o ser humano realizar as suas necessidades e que essa imposição binária precisa acabar, mas até lá uma coisa que tenho feito é usar o banheiro para cadeirante.

## Deseja ser...

Uma coisa que observamos muito em filmes, séries, livros, artigos e que entrega de imediato que foi feito por uma pessoa cis que não preocupou-se em ler ou conversar com uma pessoa trans antes é quando se depara com coisas do tipo “João desejava ser uma mulher”, “Ela queria ser um homem” e afins. É um erro colocar desta forma, como se o gênero fosse algo que se sonha ser, quando na realidade, o gênero já é. Não existe isto de tornar-se trans, não-binária etc.

Nasce como e aprende-se depois. 8=D



**FALOCAMPSE** é o nome que se dá à curvatura do pênis, quando em ereção. A coluna leva esse nome na ideia de trazer assuntos que tangenciam a nudez masculina na Arte.

Trepar. Relar. Fuder. Meter. Comer. Chupar. Linguar. Cunetar. Dedar. Morder. Lamber. Cuspitar. Beber. Leitar. Esporrear. Socar. Enrrabar. Fistar. Arregaçar. Abrir. Fechar. Piscar. Penetrar. Beliscar. Gozar. Jorrar. Melar. Transar. Bater. Endurecer. Enfiar. Virar. Dar. Furunfar. Sarrar. Arretar. Roçar. Bulinar. Excitar. Despir. Ejacular. Inchar. Intumescer. Punhetar. Masturbar. Siriricar. Enrijecer. Empinar.

O que é o teu sexo? Que verbo te sexualiza? Te excita?

Sentir. Tocar. Olhar. Consentir. Apertar. Agarrar. Provocar. Brincar. Relaxar. Jogar. Trocar. Cheirar. Cutucar. Broxar. Dilatar. Descobrir. Perceber. Deflorar. Experimentar. Explorar.

Sexo se faz sozinho? Sexo é tesão? Arte é sexo? É o meu cu. Seu cu. Nossos cus. O Cu Democrático. Protesto do gozo. Empodere-me com seu jorro.

Tesão. Sensação. Pornografia. Desejo. Fé. Abra as pernas. Mostre o cu. Sinta o cheiro. Enfie o dedo. Vá fundo. Se penetre. Vire. Fique. Sente.

Sexo anda pelas paredes, pelos quartos, pelos cantos. Pelo íntimo, pelo público. E o tal do pecado? Energia.

Vamos trepar! Trepe na cama, na escada, na rua. Trepe. Energize. Exale. Naturalize. Potencialize a libido, o orgasmo. A vida.

Penetre com o dildo. Use velas. Leite condensado. Bata um bolo. Morangos são ótimos com calda de chocolate. Use a banheira. A vista da janela do sétimo andar. O espelho.

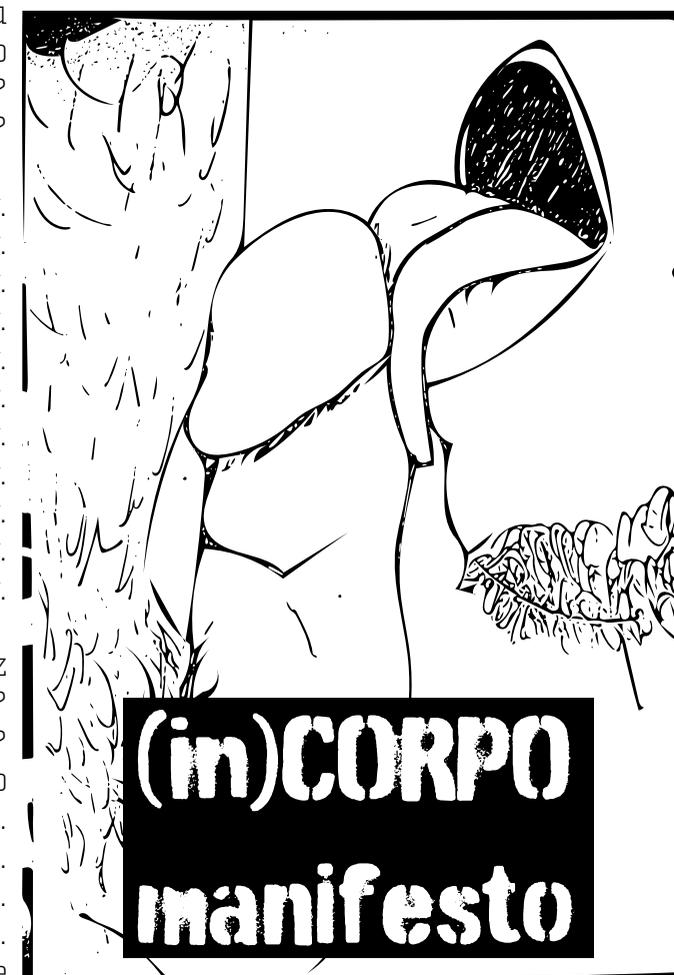
Use. Saia do básico, das caixas. Permita-se. Teu sexo é arte, é força. Teu sexo é parte do que você é, não o subestime ou o ignore. Faça. Todo dia. Trepada Nossa de cada dia. Santificado Seja o Teu Desejo. Sozinho, com um, dois, três, com quantos quiser. Esqueça a binariedade. Trepe com pessoas! Todos. Todas. Todesk. Todxs.

Sexo é o princípio, o meio e o fim. É o cálice da vida. Foda-se o amor e

toda a romantização que transformou a nós todos em seres limitados e fechados ao gozo, a multiplicidade do orgasmo. Tornou-nos escravos de uma sociedade que nos amarra a seus [pre] conceitos. Questione. Redefina. Ressignifique.

Mas lembre-se: nem sempre é tesão.

Bruno Novadvorski & Chris, The Red



### NOTA DO EDITOR

As respostas foram revisadas para manter a coerência do pensamento dos entrevistados em uma linguagem editorial.

## Manifesto Contrassexual

de Paul B. Preciado (2002)

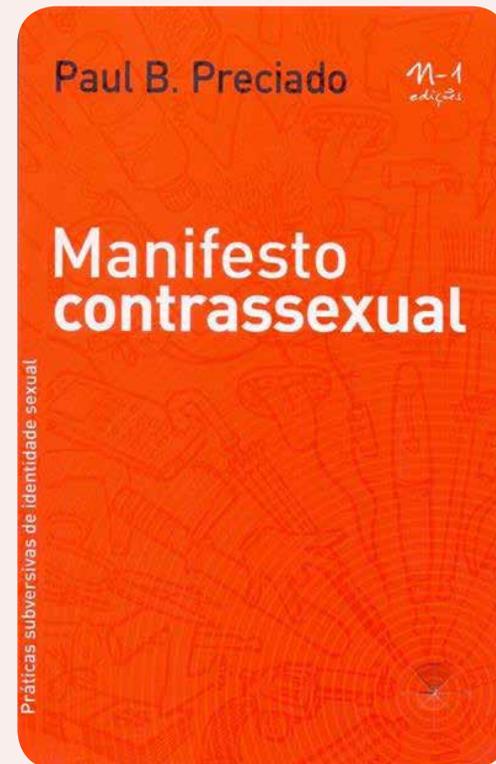
**É** preciso ter duas coisas em mente antes de ler o Manifesto Contrassexual (Countersexual Manifesto, 2002) do filósofo e escritor espanhol Paul B. Preciado:

1. Manifesto é uma espécie de declaração formal, persuasiva e pública para a transmissão de opiniões, decisões, intenções e ideias, normalmente de cunho político – ou seja, um manifesto é a exposição democrática de um determinado ponto de vista. Na literatura, o manifesto está incluindo no chamado gênero argumentativo, devido a sua natureza de tentar convencer o leitor do discurso narrado através de argumentos.

2. Conhecido originalmente como escritora e lésbica, Beatriz Preciado começou um lento processo de transição em 2010 e, em 2015, mudou seu nome para Paul em definitivo.

Sem essas duas informações é possível que um leitor vivente em nossa sociedade heteronormativa ache o livro completamente insano. A partir de Foucault, Preciado desenvolveu sua teoria para um “novo” tipo de relação sexual, com regras, exercícios e esclarecimentos, todos voltados para desconstrução do sistema de gênero e das práticas sexuais. Coloquei a palavra novo entre aspas, porque o livro foi escrito em 2002, quando Preciado ainda era mulher e lésbica, porém, muitos de seus apontamentos já existem hoje entre as questões de gênero e sexualidade trans (e talvez sinalizem que Beatriz sempre foi Paul).

Como escrevi no editorial desta edição, falar sobre as identidades, orientações e sexualidade do século 21 não é um trabalho simples, uma vez que nossa sociedade ainda prega o binário heterossexual do homem e mulher como a validade única. Por mais mente aberta que você possa ser, sua criação ainda teve modelos dentro desses padrões e isso pode dificultar o entendimento do texto. O palavreado acadêmico-filosófico dá margem a dispersão e, por muitas vezes, o manifesto de Preciado parece agressivo e destrutivo. Se você se permite continuar e ir a fundo nas teorias contrassexuais, a desconstrução vai começar (de forma lenta, como a transição de Paul).



Capa do livro lançado pela n-1 Edições.  
Nota: Esse livro chegou a ser lançado no Brasil com o nome original do autor.

Falando especificamente do falo – já que estamos aqui pra isso –, o Manifesto Contrassexual faz importantes constatações: talvez a mais significativa seja a perda nietzschiana de sentido do falocentrismo frente a possibilidade de duas mulheres fazerem sexo sem a necessidade da penetração. Através do texto árido, Paul argumenta em fatos históricos (e, bem provavelmente, experienciais) que o sexo lésbico desconstrói a potência do falo, quando o pênis pode ser substituído por um dildo ou, então, nem fazer parte do ato. Quando retira o homem e seu membro do centro da sexualidade humana, Paul desenvolve seu manifesto, onde analisa o corpo, o prazer e os desejos.

*No discurso heterocentrado tradicional, aparentemente oposto mas por fim simétrico ao do feminismo separatista, a utilização de dildos entre lésbicas surge como a prova efetiva de que “um ato sexual sem pênis não pode ser considerado verdadeiramente sexual”. Todos esses jogos teóricos, que demonstram que existe uma distância entre o falo e o pênis que o sexo lésbico pode superar, reterritorializar e subverter, omitem a primeira análise que se impõe: a do dildo como tecnologia sexual que ocupa um lugar estratégico entre as tecnologias de repressão da masturbação e as tecnologias de produção de prazer. O dildo não é o falo e não representa o falo porque o falo, digamos de uma vez por todas, não existe. O falo não é senão uma hipóstase do pênis.*

Em vários momentos, fiquei me perguntando se Preciado chegou a ler *A transparência do mal*, de Jean Baudrillard. Neste livro de ensaios publicado em 1990, Baudrillard fala da transexualidade como um destino artificial do corpo visível, ou seja, a busca de um argumento existencial leva faz com que a humanidade modifique seus signos vestimentares, morfológicos e gestuais. Tanto Preciado quanto Baudrillard convergem suas ideias sobre a transformação do corpo e da sexualidade, porém, divergem quando o sociólogo francês considera o “ser” como uma performance efêmera baseada num ato de aparência e visibilidade sem profundidade (e liga isso ao travesti/transformista).

Confesso que escrevi esse texto sem ainda chegar ao fim das ideias de Preciado. Como disse, o processo aqui é lento, pois a desconstrução é grande. Sugiro que antes de começar a ler o Manifesto, você leia as entrevistas da coluna Falocampse desta edição, pois funcionam como uma introdução real do que Preciado filosofa.

**8=D**





Tive dois relacionamentos monogâmicos e dois em que eu e o parceiro abríamos para experimentar sexo com outras pessoas mantendo a base principal. Hoje em dia, quando me relaciono com alguém e a pessoa diz não gostar de relação aberta, eu já desisto de tentar algo com ela. Será uma tendência as relações não mais se manterem mais apenas a dois?

A.P. São Paulo/SP.

De antemão sim, pode-se chamar de uma “tendência”. Desde que a sexualidade passou de algo concentrado apenas no intuito da procriação para ter o foco no prazer houve uma transformação no modo como as pessoas vivem e se relacionam entre si. O sexo agora não visto mais em sua totalidade como pecado e trazendo inúmeras possibilidades de experimentá-lo, os avanços conquistados por movimentos como o feminista, negro e LGBT e a chegada da tecnologia trazendo troca de informações com pessoas de vários lugares do planeta trouxeram à luz compatibilidades e semelhanças entre gostos individuais que, apesar de sabermos da existência, não eram antes facilmente vivenciados.

As relações foram ressignificadas e o modelo central de família heteronormativa (pai, mãe e os filhos) ganhou novos formatos e possibilidades. Casais gays e lésbicas saíram das sombras da marginalidade e passaram a obter direitos perante à lei. Mulheres antes impossibilitadas de escolherem um marido, se separarem de uma relação abusiva ou experimentarem um novo amor em caso de viuvez, agora têm direito de fazer variadas escolhas sobre à própria vida, ainda que de forma limitada, já que colhemos os resquícios históricos do patriarcado.

Todo esse movimento transformador na forma de se relacionar da sociedade vem possibilitando cada vez mais através dos tempos a formação de encontros e a possibilidade que eles aconteçam de maneiras mais inimagináveis e distintas: casais monogâmicos que de vez em quando abrem espaço para uma terceira pessoa, casais que fazem troca com outros casais mantendo a base sólida entre eles intacta (o chamado swing), trisais começaram a se formar tanto nos relacionamentos hétero como homoafetivos (ainda que mais comum no segundo grupo)... ou seja, experimentar o poliamor é uma realidade cada vez mais presente e menos carregada de culpa para quem vivencia, contudo ainda sob o olhar pesado do preconceito social.

Não diria que a monogamia está fadada ao fim – porque sempre existirão pessoas interessadas nessa forma de relacionamento –, mas ela agora precisa aprender a partilhar seu convívio com as diversas formas que vem surgindo no cotidiano. É preciso entender e sempre deixar claro um(uns) para o(s) outro(s) quais as intenções e necessidades individuais, pois, caso isso não aconteça, o resultado a longo prazo poderá ser o desencontro. Ser sincero como você faz quando conhece alguém, ainda que possa ser dolorido para as partes, é mais assertivo que prolongar desejos. A sintonia acontece quando o jogo é limpo e os envolvidos estão dispostos a ganhá-lo juntos.

Boa sorte em seus encontros! :)

Adoro assistir a filmes pornográficos, porém, na vida real, parece que nunca consigo ter um sexo tão prazeroso quanto os que vejo nessas produções. Será que há relação entre a minha insatisfação e o desejo de ter uma transa tão sensacional quanto as que assisto?

P.X. Uberlândia/MG.

A possibilidade de relação direta entre uma coisa e outra é bem grande, visto que você já idealiza um sexo nos moldes do que você acompanha em vídeo. Assim como as vidas “perfeitas” postadas nas redes sociais – que de perfeitas não têm nada –, o sexo difundido pela indústria pornô está mais para uma ilusão bem construída para satisfazer o prazer solitário do que o sexo real propriamente dito.

O ideal de sexo perfeito e corpos funcionando como máquinas de prazer difundido pela indústria pornográfica – e por que não dizer, pela mídia de modo sutil e nas entrelinhas? – são responsáveis por causar frustração e sentimentos de não apropriação em grande parte dos que as consomem (em geral homens, já que a sociedade ainda quer negar a mulher prazeres e conhecimentos sobre o próprio corpo).

Tudo nos filmes de sacanagem é pronto e perfeito, mas problemas cotidianos que acometem as pessoas na hora do prazer nunca são explorados: o nervosismo de muitos para ter um encontro sexual, o desconforto que pode haver no sexo penetrativo anal ou vaginal, as estrias e celulites, as dificuldades de ereção ou para pôr o preservativo, a timidez, a vontade de ir ao banheiro que pode surgir na hora H, dentre outras milhares de situações e acontecimentos sempre presentes na vida real, mas nunca explorados num filme pornô.

A pornografia é divertida, mas parece ter uma única função no mundo contemporâneo: dar a ilusão de controle – principalmente – aos homens heterossexuais, sempre retratados dentro de uma cultura machista como soberanos, mas que estão perdendo cada vez mais espaço para as mulheres. No terreno de homens e mulheres gays, a indústria pornográfica alimenta o anseio por corpos e pessoas que poderiam estar no próximo Match do Tinder, mas que dificilmente serão encontradas na vida real (afinal as pessoas retratadas nos filmes são atores e atrizes).

É importante separar realidade de ficção e não cair na armadilha do consumo exacerbado de pornografia ou o que se colherá são problemas de ordem sexual e psicológica estimulados pela frustração de um sexo inalcançável.

Abração!

**FAZER INTERCÂMBIO  
JÁ É ÓTIMO.  
ACOMPANHADO  
DO SEU  
AMOR  
É MUITO  
MELHOR**

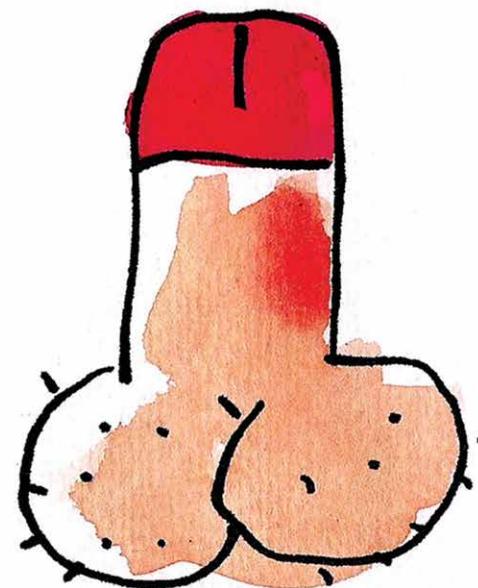
**Agência de  
Intercâmbios  
São Paulo  
Brasil**

**Descubra-se.  
Seja um Wanderluster!**

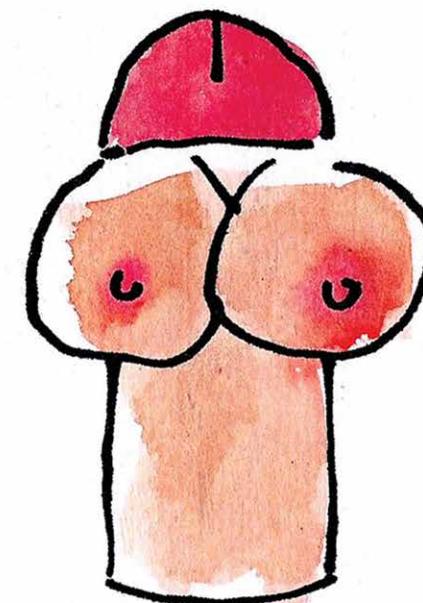
*wintercambios.com.br*  
Avenida Paulista, 807, 1117

## CIRURGIA DE MUDANÇA DE SEXO

ANTES

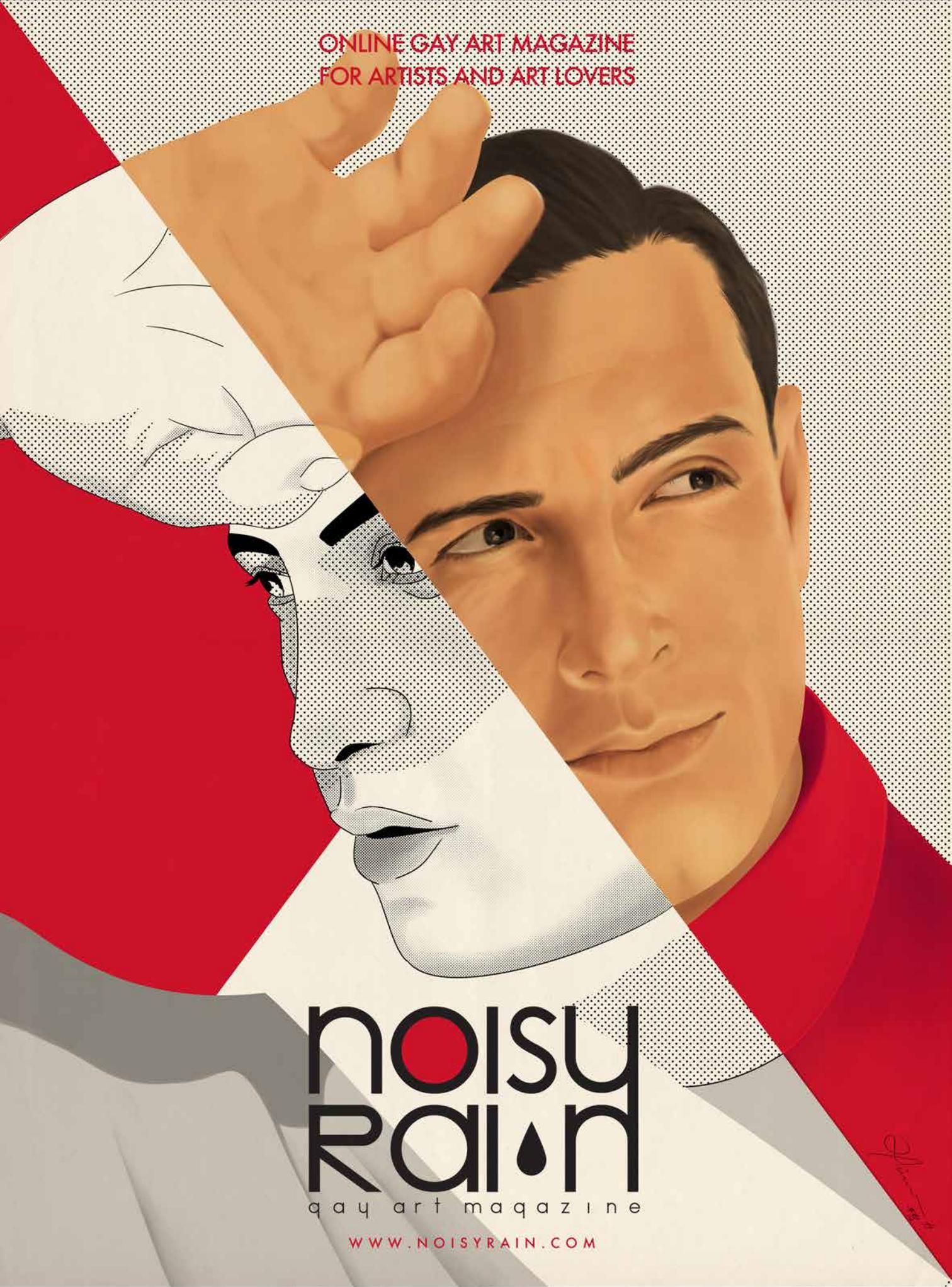


DEPOIS



ADÃO

ONLINE GAY ART MAGAZINE  
FOR ARTISTS AND ART LOVERS



**noisy  
rain**  
gay art magazine  
[WWW.NOISYRAIN.COM](http://www.noisyrain.com)

moNumento



Modelo: Chris Qtism. Foto: Chris Qtism.





# FALD

ISSN 2675-018X  
falonart@gmail.com

